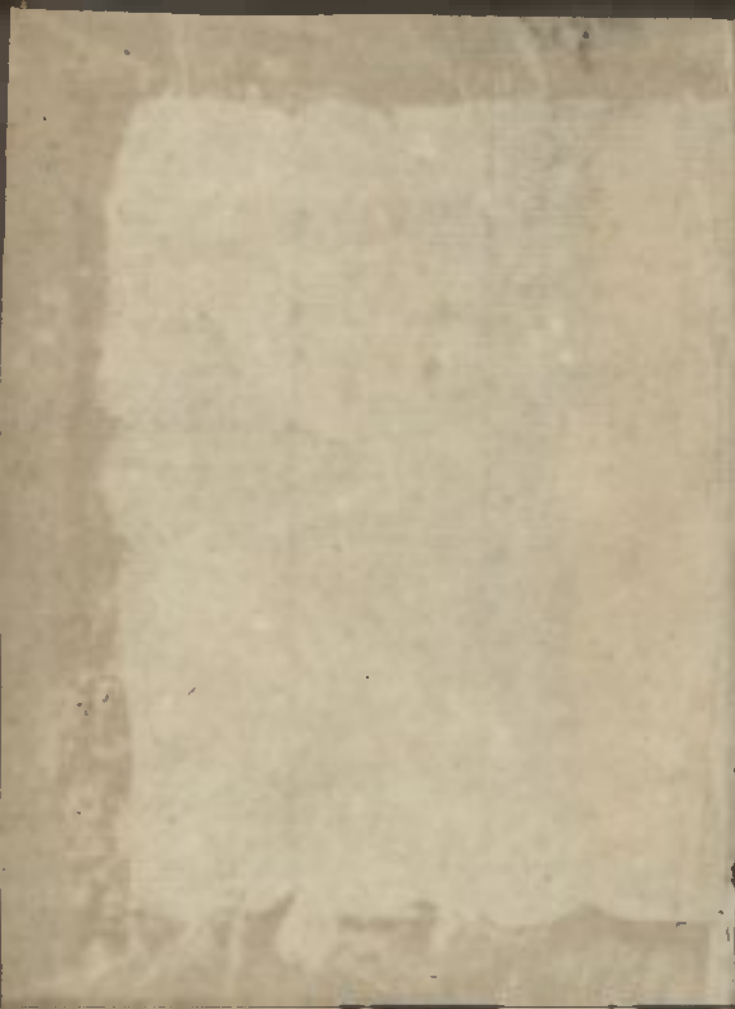


8











O S

**JARDINS.**





OS  
**JARDINS,**

OU  
A ARTE DE AFORMOSEAR AS PAISAGENS,

P O E M A

DE

**Mr. DELILLE,**

TRADUZIDO EM VERSO

POR

**MANOEL MARIA DE BARBOSA  
DU BOCAGE.**

*Nova Edição.*

RIO DE JANEIRO

NA IMPRESSÃO REGIA.

M. DCCC. XII.

*Com licença de S. A. R.*

---

*Vende-se na loja de Paulo Martin, filho.*

48316  
184275  
COMPRÁ

184275

— — — — *Hic inter flumina uota ,  
Et fontes sacros frigus captabis opacum.*

Virg. Eclog. I.

Entre os rios aqui, e as sacras fontes  
Gozarás em repouso a sombra amena.

# PROLOGO

D O

A U T H O R.

**V**ARIAS pessoas de grande merecimento escrevêrão em prosa á cerca dos Jardins. O Author deste Poema colheo dellas alguns preceitos, e até descripções. Em bastantes passagens teve a dita de encontrar-se com tão bons Escritores, porque este Poema foi começadô antes que elles publicassem as suas obras. Confessa que dá ao prelo com extrema desconfiança huma composição muito esperada, e engrandecida de mais: a indulgencia excessiva dos que a ouvirão, lhe agoira a severidade dos que a lerem.

Este Poema, além disso, tem hum grave

inconveniente , o de ser didáctico. Tal genero he necessariamente hum pouco frio , e mais o deve parecer á huma Nação , que lhe custa muito (como se tem observado repetidas vezes) a tolerar versos , em não sendo os compostos para o Theatro , os que pintão as paixões , ou as baldas dos Homens. Poucas Pessoas , digo mais , até poucos Litteratòs lem as Geórgicas de Virgilio , e quasi todos , os que aprenderão Latim , sabem de còr o quarto Canto da Eneida.

No primeiro destes dois Poemas , dá o Poeta a entender que sente não lhe permittirem os limites do seu assumpto cantar os Jardins. Depois de haver lido longamente com as miudas , e hum tanto ingratas particularidades da cultura geral dos Campos , a modo que deseja repousar sobre mais risonhos objectos. Mas estreitado no de que trata , vinga-se desta su-

jeição com hum bello , e rápido esboço dos Jardins , e com o pathetico episódio de hum Velho feliz no seu pequeno campo , que elle mesmo cultivava , e enfeitava.

O que o Poeta Romano sentia não poder executar , executou o P. Rapin. Escreveo na lingua , e ás vezes no estilo de Virgilio , hum Poema em quatro Cantos sobre os Jardins , que foi mui applaudido , n'um tempo em que ainda se lião versos Latinos modernos. A sua obra não he despida de elegancia ; mas quizera-se que abundasse de precisão , e de melhores episódios.

De mais , o plano do seu Poema não interessa , não tem variedade. Hum Canto he consagrado ás agoas , outro ás flores. Adivinha-se o comprido cathalogo , e a enumeração tediosa , que mais pertence ao Botânico que ao Poeta : e aquelle passo methodico , que assás

## VIII

prestaria n'um tratado em prosa, he grande defeito n'uma composição Poetica, onde o Espirito pede que o levem por caminhos hum pouco desviados, e lhe apresentem objectos que não espera.

Além disto, Rapin cantou Jardins do genero regular, e a monotonia inherente á summa regularidade, passou do assumpto ao Poema. A imaginação, naturalmente amiga da liberdade, ora vai a custo pelos desenhos enviezados de hum canheiro de flores, ora morre no fim de huma longa, e direita alamêda. Por toda a parte lhe lembra com saudades a formosura hum tanto desordenada, e a chistosa irregularidade da Natureza.

Emfim, aquelle Anthor não tratou senão a parre mecanica da Jardinagem. Totalmente esqueceo a mais importante, a que procura em nossas sensações, em nossos sentimentos a ori-

gem do prazer, que nos causão as scenas campestres, e os attractivos da Natureza aperfeiçoados pela arte. Em summa, os seus Jardins são os do Architecto; os outros são os do Filosofo, os do Pintor, os do Poeta.

Este genero tem medrado por extremo ha annos, e se isto he tambem effeito da moda, demos-lhé graças. A arte dos Jardins, a que se poderia chamar luxo da Architectura, parece hum dos entretenimentos mais convenientes, e talvez hum dos mais virtuosos da Gente rica. Como cultura, reconduz á innocencia das occupações campesinas; como adorno, apadrinha sem risco a paixão dos dispendios, que acompanha as grandes Fortunas: finalmente, esta arte tem para semelhante classe de Homens o duplicado prestimo de participar, ao mesmo tempo, dos gostos que vogão nas Cidades, e dos que existem nos Campos.

Este prazer dos Particulares achou-se ligado á utilidade pública: fez com que os Opulentos folgassem de habitar as suas terras. O oiro, que sustentaria Artifices do luxo, vai alimentar os Cultivadores, e a riqueza torna á sua verdadeira fonte. Acresce a isto, que a cultura se enriquece com muitas, e muitas plantas, ou arvores estrangeiras, aggregadas ás producções do nosso terreno, e isto vale certamente o marmore todo que perdêrão nossos Jardins.

Feliz este Poema se desparzir, ainda mais, affeições tão simples, e puras! Porque, como o Author deste Poema o disse em outra composição, =

Quem dos Campos o amor inspira aos Homens,  
Tambem, Virtudes, vosso amor lhe inspira.



## P R O L O G O

D O

## T R A D U C T O R.

**A** GLORIOSA reputação do Abbade Delille, como Litterato, e como Poeta, a estima geral, dada ao seu Poema dos Jardins; onde se encontrão todo o atavio, toda a graça, e toda a filosofia, de que he capaz o assumpto, me incitou a versificallo em vulgar, apurando nisso o cabedal que possuo em Poesia, cabedal muito inferior ao apreço, e acolheita, de que estou em divida com os meus Compatriotas. O amor á Gloria, e á Gratidão talvez ainda criem na minha alma hum ardor que a fecunde, tornando-me digno do affecto, com que me honra o Público; e entretanto lhe

**XII**

apresento esta versão, a mais concisa, a mais fiel, que pude ordenalla, e em que só usei o circumloquio nos lugares, cuja traducção literal se não compadecia, a meu ver, com a elegancia, que deve reinar em todas as composições Poeticas.

---

# OS JARDINS,

P O E M A.

---

CANTO PRIMEIRO.

---

**R**ENASCE a Primavera, influe, e anima  
As Aves, os Favonios, Flores, Musas.  
Que novo objecto á lyra os sons me pede?  
Ah! Quando a Terra despe antigos lutos  
Nos campos, nas florestas, sobre os montes;  
Quando tudo se ri, tudo se inflamma

De amor, e de esperança, e de ventura,  
 Outro c'ò a fantazia em Febo acceza,  
 Abra os fastos da Gloria aos grandes nomes,  
 N'hum carro fulminante alce o Triunfo,  
 Manche, ensanguente as mãos na taça horrivel  
 Do vingativo Atrêo: sorriu-se Flora,  
 Vou cantar os Jardins, dizer qual arte  
 Em terreno loução, dispõe, regúla  
 As flores, a corrente, a relva, as sombras.

Tu, que o vigor, e a graça entrelaçando,  
 Dás ao canto didáctico energia,  
 De Lucrecio na voz, se outr' hora, oh Musa,  
 As austeras lições amaciaste;  
 Se pôde o seu Rival (sem que nos labios  
 A linguagem dos Numes desluzisse)  
 Ao laborioso arado unir o metro;  
 Vem mais fertil ornar, mais rico assumpto,  
 Assumpto amavel, que tentou Virgilio.

Mãos não lancemos de atavio estranho ;  
 Das minhas mesmas flores vou croar-me :  
 Qual pura luz , que bella nuvem doira ,  
 A expressão tingirei na côr do objecto.

Arte innocente , que em meus versos canto ,  
 Origem teve nos cerúleos dias ,  
 Na Primavéra do recente Globo.  
 Apenas o Homem submettêra os campos  
 A' cultura efficaz , pôz mil disvelos  
 De viçosa porção no trato , e mimo ,  
 Alinhou para si com leis , e industria  
 Plantas selectas , escolhidas flores.  
 De Alcino o luxo , o gosto , ainda rude  
 Punha a curto vergel módico enfeite ;  
 Eis com arte maior , mais sumptuosa  
 Jardins nos ares Babylonia ostenta.  
 Os Latinos Heróes , de Marte os Filhos ,  
 Depois que Roma agrilhoava o Mundo ,

Davão repouso ameno à gloria , ao raio ;  
 Em frêscos Hortos , que a Victoria ornára.  
 Habitava os jardins outr' hora o Sabio ,  
 Doutrinando os Mortaes mais ledo que hoje.  
 Quando a Sabedoria Elysios teve ,  
 Ereis vós , Dons do Céu , talvez Palacios ?  
 Não : vós ereis hum prado , hum rio , hum bosque ,  
 De imperturbavel paz ditoso abrigo ,  
 Puras delicias , que a virtude anhêla.

Corra-se pôis , que he tempo , o novo espaço :  
 FILIPPE , e o bello assumpto a voz me alentão.

Para aformosear simples terrenos  
 Não insulteis co'a pompa a Natureza ;  
 Este emprego requer sisudo Artista ,  
 Parco em dispendios , na invenção profuso ;  
 Jardim , menos fastoso que elegante ,  
 Jardim com mais belleza que atavio ,

Parece aos olhos meus hum amplo quadro.  
 Sede Pintor: o campo os seus matizes,  
 Os reflexos da luz, da sombra as massas,  
 As estações, e as horas, variando  
 O gyro do anno, o circulo diurno;  
 Ricos esmaltes de cheirosos prados,  
 Dos oiteiros o alegre, o verde forro,  
 Aguas, boninas, arvores, penedos:  
 Eis os vossos pinceis, réas, e côres.  
 Podeis crear: a Natureza he vossa,  
 E dôceis para vós os Elementos.

Mas antes de plantar, antes que encete  
 Instrumento imprudente o seio á Terra,  
 Para dar aos jardins mais linda fôrma  
 Observai, reflecti, sabei de que arte  
 Se imita, se arreméda a Natureza.  
 Não tendes vezes mil em ermos sitios  
 De repente encontrado aquellas vistas,

Que as plantas , que os sentidos vos suspendem ,  
 E que em meditações quietas , longas  
 Enlevão manso , e manso a fantazia ?  
 Tudo o melhor senhoreai c'o a mente ,  
 Dos campos aprendei a ornar os campos.

Lugares , que subtil decóra o gosto ,  
 Olhai tambem ; nos escolhidos quadros  
 Ainda há que escolher ; por vós se admire  
 De Chantilli magnifica elegancia ,  
 Que de Heróes em Heróes , de Idade a Idade  
 Ganha novo esplendor. Bolœil , a hum tempo  
 Campestre , apparatuso , e tu que ainda  
 Ufano Chanteloup , te desvaneces  
 De teu grande Senhor com o desterro ;  
 Todos vós alternais o bem dos olhos.  
 Qual purpureo borão , mimoso , e breve ,  
 Timido precursor da Quadra bella ,  
 O amavel Trivoli , de fôrma estranha



A' França descobrio ténue modélo.  
 Montreuil as Graças desenhárão rindo ,  
 Maupertuis, le Desert, com que alegria,  
 Auteuil, Rincy, Limours, quão docemente  
 Nas vossas lindas, arejadas ruas  
 Olhos se embebem, se extravião passos!  
 Do grande Henrique a veneravel Sombra  
 Ama ainda Navarra, e parecido  
 Comtigo Trianon, Deosa, que o reges,  
 Une a graça, o recreio á magestade,  
 Se adorna para ti, por ti se adorna.  
 Grato asylo d'hum Principe adoravel,  
 Tu, cujo nome de apoucada idéa  
 He indigno de ti; lugar vistoso,  
 Quanto lhe devo, a teu Senhor offrece:  
 Hum plácido retiro, hum ocio lédo.  
 Bemfeitor de meus versos, de meus dias,  
 Na eleição de atilados Escriitores,  
 Em jardim, que do Pindo as rosas vestem,

Inclue a Musa minha, e brando a acolhe.  
 Junto ao Lyrio soberbo, e magestoso  
 Assim cresce a violeta humilde, e escuta.  
 De illustres Vates não illustre socio,  
 Ah! se coubera em mim cantar como elles,  
 Pintára os reus jardins, pintára o Nume,  
 Que os habita, que os honra; o gosto, as artes,  
 Às virtudes, a gloria, os bens que o seguem,  
 O ladeão em ti. Lugar formoso,  
 Sê tu sua ventura. Eu se algum dia  
 Findar, por graça delle, amena estancia,  
 Mais bella a tornarei co'a bella imagem  
 Do alto meu Protector; quero que sejam  
 Minhas primeiras flores seu tributo.  
 Para o busto Real cultivado, enlaço  
 Em virentes festões o loiro, o myrto,  
 Tão caros aos Bourbons, e se o repouso,  
 A liberdade, as sombras me inspirarem,  
 Ao bemfazejo Heroe te sagro, oh lyra.

Fallet desses lugares deleitosos,  
 Que a arte deve imitar: convem que falle  
 Dos escolhos que a mesma evitar deve.  
 O engenho imitador tambem se engana.  
 Não dê belleza ao chão, que o chão não queira,  
 A paragem conheça antes de iudo,  
 Do sitio adore o Genio, o Deos consulte:  
 Impunemente as leis não se lhe aggravão.  
 Nos Campos, todavia, a cada instante,  
 Menos audaz que estranho em fantasias,  
 Tudo altera, e confunde Artista inerte,  
 E desnaturaliza, e perde tudo;  
 Com absurda eleição mil graças liga:  
 Encantavão na Italia, em França enjoão.

O que o terreno reu sem custo adopte  
 Reconhece, e depois te apossa delle.  
 Isto ainda he melhor que a Natureza,  
 Mas isto mesmo he ella, isto he perfeito

Quadro brilhante, que não tem modelo.  
 Dos Berghems, dos Poussins tal foi a escolha,  
 De ambos estuda as produções divinas,  
 E o muito que o pincel aos campos deve,  
 Arte cultivadora, agradecida,  
 Nos jardins restitua á Natureza.

Os terrenos agora se examinem,  
 E que lugar se apraz das leis, que traças.  
 Houve tempo fatal em que Arte infensa,  
 Guerra aos mais bellos sitios declarando,  
 Enchendo os valles, arrazando os montes,  
 Formou de chão gentil planície ingrata.  
 Hoje, n'nal Tyranno, outro Artificio  
 Quer, por contrario abuso, erguer montanhas,  
 Valles quer profundar. Longe os excessos,  
 Longe as lidas, e ardis: tudo he baldado  
 Contra intrataveis, repugnantes serros;

E sobre terra igual montinho humilde  
Cuida set pictoresco , e move a riso.

Queres a teu suor lugar propicio?  
Foge as mui desiguaes , os muito planos  
Campos , e serras. Eu tomara os sitios  
Onde sem altivez fosse eminente  
A rico valle matizado oiteiro.  
Não tendo insipidez , lá tem brandura  
O solo complacente , he alto , he secco ,  
Estéril não , não rispido : caminhas ;  
Obedece o horizonte , ergue-se a Terra ,  
Ou a Terra se abate , aperta , estende :  
Luzem de passo a passo encantos novos.

Dos Gabinetes no silencio triste ,  
De compasso na dextra , embora ordene ,  
Artifice vulgar a symmetria  
D'enfadoso jardim , confie embora

O Geometrico plano ao papel frio.  
 Tu vai ver em si propria a Natureza.  
 O lapis maneando , alli copia  
 Este aspecto , estes longes , esta altura ;  
 Meios advinha , obstáculos presenta :  
 Só a difficuldade he Mãe de assombros ,  
 E o chão de menos graça havelia pôde.  
 He nu ? Florestas a nudez lhe amparem.  
 He coberto ? Os machados vão despillo.  
 Humido ? Em lagos de cristal pomposo ,  
 Em ribeiras fecundas , transparentes  
 Se converta , se aclare essa agua impura.  
 Por trabalho -feliz , corrige a hum tempo ,  
 Melhora as aguas , o terreno , os ares :  
 He árido talvez ? Procura , sonda ,  
 Torna ainda a sondar , não te enfasties :  
 Pôde ser que , em trahit-se vagarosa ,  
 A agua de rebentar esteja a ponto.  
 Tal de hum tenaz esforço eu mesmo anciado ,

Morna individuação maldigo, entejo,  
 Mas de estéril objecto aborrecido  
 Idéa graciosa eis surge, eis salta:  
 O verso resuscita, e facil corre.

Inda mais doces que estes ha cuidados,  
 Arte existe inda mais encantadora.  
 Falle-se ao coração, não basta aos olhos.  
 As invisiveis relações conheces  
 Desses corpos sem alma, e dos que sentem?  
 Das aguas, prados, selvas tens ouvido  
 A calada eloquencia, a voz occulta?  
 Todos estes effeitos debes dar-nos.  
 Do alegre ao melancolico, e do nobre  
 Ao engraçado, os transitos sem conto  
 Sempre me aprazem, me cativão sempre.  
 Une, simples, e grande, forte, e brando,  
 Todo o matiz, que a todo o gosto agrada.  
 O Pintor enriqueça alli a idéa,

A santa inspiração turbe o Poeta,  
 Alli remãosos d'alma o Sabio goze,  
 Memorias o ditoso alli desfrute,  
 De lagrimas se farte o miserando.

Mas a audacia he commum, e o siso he raro  
 Graça às vezes se crê a extravagancia.  
 Evita que os effeitos, mal unidos,  
 De incoherentes imagens formem cáhos;  
 Vê que as contradições não são contrastes.

Estes paineis de natural pintura  
 Requerem longo espaço; em quadro estreito  
 Não vás aprisionar montanhas, bosques,  
 Nem lagos, nem ribeiras. He costume  
 Zombar desses jardins, paródia absurda  
 Dos rasgos que a atrevida Natureza



No seu grande espectáculo derrama ;  
 Jardins , em que Arte ríde , e inverosimil  
 Hum Paiz todo n'uma geira encerra.

Em vez deste montão confuso , inerte ,  
 Varia objectos , ou lhe altera a face.  
 Perto , longe , patentes , quasi occultos ,  
 Revezem todos mil diversas vistas.  
 Dos effeitos seguintes a incerteza  
 Grato desassocego aos olhos deixe ,  
 Ornamentos o gosto emfim coloque ,  
 Imprevistos jamais em demasia ,  
 Jámais em demasia annunciados.

Presta sobre maneira o movimento ;  
 Sem a doce magia , a elle annexa ,  
 Em lethargo recahe a alma ociosa.  
 Sem elle , por seus campos enfadonhos  
 Em gyro casual vão sempre os olhos.

Citarei outra vez altos Pintores?

Lá diffunde o pincel pródigo, e fertil

Móveis objectos sobre o panno immovel:

O rio foge, o vento encurva os ramos,

Globos de fumo das Aldêas sobem,

Os Gados, os Pastores brincão, danção.

Cuida em te apoderar deste segredo,

Dispoem sem parcimonia arbustos doces,

Arvores brandas, cuja afavel coma

Das virações ao halito obedece.

Sejão quaes forem, tu, Cultor, venera

A vacilante indisona verdura,

Tolhe, que o ferro a Natureza ultraje,

Ella c'ò a mesma mão como desenha

Desta parte os carvalhos, desta os olmos!

Olha como do tronco até aos ramos,

Dos ramos té às folhas desparzido

Da Mão universal benigno influxo,

Vai das undulações dar-lhe a molleza,

Porém golpes crueis . . . vedai tal crime ,  
 Correi , Nynfas da selva . . . ah ! Q'he de balde ,  
 O córte cerceou-lhe a gala , o viço .  
 Já na cópa vivaz não oiço ao longe  
 Correr os Aquilões , bramir na rama ,  
 Affastar-se , expirar . Tácitos , frios ,  
 Mortos do ferro os vegetaveis Entes ,  
 Delle semelhão rispidez immovel .

A's plantas deixa , pois , tremor suave  
 Nos quadros teus , do movimento amigos :  
 Faze fugir , ferver , saltar as aguas .  
 Vês estes valles , solidões , florestas ?  
 Por varios sitios , de diversos gados  
 A nêdia multidão se envie , e alongue .  
 Além vejo a cabrinha roedora  
 Pender do cume de remotas penhas ,  
 Aqui mil cordeirinhos melindrosos  
 Soltão queixumes , que de serro a serro

Vai éco em molles sons amindando.  
 Nestes, que as aguas da collina sorvem,  
 Prados lustrados, sobre as mãos se estende,  
 E ruminando jaz o Boi pesado,  
 Em quanto generoso, altivo, accezo,  
 O filho do Tridente, o Marcio Bruto  
 Ostenta, vecejando, em pingues pastos,  
 O indómito vigor, e o brio agreste.  
 Quanto me attrahe, me regozija, quanto  
 A audaz' agilidade, o gesto activo!  
 Ou elle, usado ás fluviaes correntes,  
 Sobre ellas se arremesse, estremecendo,  
 E luctando depois, c'os pés sacuda  
 As ondas, que murmurão, que branqueão;  
 Ou atravez dos prados salte, e fuja;  
 Ou, longa crina errante aos ventos dada,  
 Brorando os olhos fogo, as ventas fumo,  
 Bello de orgulho, e amor, voe ás amadas.  
 Sumio-se já, e a vista ainda o segue.

O thesoiro exaurindo a Natureza ,  
Assim terrenos , vistas , e agua , e sombras  
Dão ás paizagens movimento , e vida.

Porém se o movimento encanta os olhos ,  
De liberdade hum ar não menos querem.  
O limite aos jardins fique indeciso ;  
Ou com arte se escondã , ou se disfarce .  
Não , ha mais que esperar ? Vôa o feitiço .  
Com certo dissabor o fim se tóca  
De huma estancia aprazivel : cedo enfada ,  
E irrita finalmente ; além dos muros ,  
Importuna barreira , inda se ideão  
Lugares mais gentis , mais attractivos ,  
E a alma inquieta desencanta os olhos .  
Quando nossos Avós , á guerra afeitos ,  
Seus campos em castellos convertião ,  
Cada qual em munida , enorme torre  
Preso vivia por viver seguro .

Mas hoje de que servem taes muralhas ,  
Que o temor inventou , mantem o orgulho ?

A estes , que prendendo outr' hora a vista ,  
A vista duramente entristecião ,  
Prefere o gosto verdejantes muros ,  
Muros tecidos de espinhoso enredo ,  
Muros , por onde a mão , tremendo , colhe  
A rosa inculta , a amóra ensanguentada.

Mas jardim limitado inda me ancêa.  
Surja-se em fim de hum circulo tão breve  
A genero mais vasto , e mais formoso ,  
De que hoje Ermenonville he só modélo.  
Os jardins para si chamavão campos ,  
Vão nelles os jardins entrar agora.

Do cimo desses montes , donde os olhos  
Paizagem dilatada abração , medem ,

A madre Natureza ao Genio disse:  
 Os thesoitos, que vês são reus: envoltos  
 Na rude pompa, na opulencia bruta,  
 Os quadros meus tua destreza implorão.  
 Ella diz, elle vôa: em toda a parte  
 Esquadrinha esta massa, onde repousão,  
 Onde dormindo estão bellezas cento.  
 Do valle á serra, da floresta ao prado  
 Vai retocando os quadros, que varia.  
 Dos olhos a sabor, une, e desune,  
 Illumina, escurece, occulta, ou mostra:  
 Não destróe, não compoem, corrige, apura,  
 O esboço aperfeiçoa á Natureza.  
 Carrancudo terror já despem rochas,  
 O bosque alegre adôça, encurta as sombras;  
 Hia perder-se hum rio: eis o encaminhão;  
 De hum lago se apodera a mão geitosa,  
 De cristalina fonte se enriquece.  
 Quer, e veredas mil subito correm

A demandar, cingir, prender os membros,  
 Por aqui, por alli soltos, dispersos,  
 Os membros, que assombrados, que attrahidos  
 Da engenhosa união, do nó, que os junta,  
 Formão de cem porções hum todo insigne.

    Talvez, campestré Artifice, te espantem  
 Estes grandes trabalhos. Entra os nossos  
 Idosos parques; de huma vez contempla  
 Apuros vãos, dispendiosos nadas;  
 As estacadas vê, regos, e tanques.  
 Preço menor do que a minucias coube  
 Para ornar o que hum dia apraz sómente,  
 Póde aformosear hum campo immenso.  
 Fallaz, e sem sabor magnificencia,  
 Cêhe ante esta arte, e por milagre della  
 A cara Patria minha se transforme  
 Toda em vasto jardim, n'um Edem novo!



Se não ousas tentar esta carreira ,  
 Ao menos, franqueando o teu circuito ,  
 De aspectos opulentos o engrandece.  
 De hum valle, hum serro, huns agradaveis longes  
 Ajunta posse alhêa á posse rua :  
 Rege c'ó vista, pelos olhos gosa.

Os varios, favoraveis accidentes,  
 Com que innumerados campos se distinguem,  
 Une principalmente a teus plantios. (\*)  
 Aqui jaz hum lugar, que cingem bosques,

B 2

---

(\*) Vem no Diccionario de Sousa, e a harmonia, e necessidade do termo animou-me a adoptallo, parecendo-me rodavia que os Camponezes o usão. A palavra *Paizagens*, de cuja pureza duvidei, acha-se em bons Escritores nossos, sendo hum delles Rodrigues Lobo,

Acolá torreões Cidades croão,  
 E a grimpa azul, ferindo ao longe os olhos,  
 Vai sumir pelos Ceos o agudo extremo.

Hum rio omitirei, e as margens suas?  
 Após fugazes vélas corre a vista.  
 Ilhas às vezes sahem do vitreo seio,  
 Ponte arqueada outr' hora o furta aos ollos.

Se os mares espaçosos descortinas,  
 Offrece, mas varia a grave scena.  
 Mal se divise aqui por entre as folhas,  
 Huma abóbada além, qual no remate  
 De tubo extenso, aos olhos o apresente  
 Em fundo de odoríferas latadas;

---

para mim de tanta decisão, como os melho-  
 res.

Nas voltas de florente bosquezinho  
 Aqui se encontra o mar, alli se perde:  
 Eis súbito apparece em toda a sua  
 Fetvente, rugidora immensidade.

Folgue a attenção nestes semblantes varios,  
 Mas com mesquinhas mãos (cumpre que o diga)  
 Os Homens, Natureza, o Tempo as Artes  
 Nos cercão de tão ricos accidentes.

Oh Planicies da Grecia! Ausonios Campos!  
 Lugares divinaes, inspiradotes,  
 Sempre caros ao genio! Ah! quantas vezes  
 Embebido n'um mágico horisonte,  
 O pintor vê, se inflamma, e toma o lapis,  
 E debuxa esses longes, essas ilhas,  
 Esse pégo, esses portos, esses montes,  
 Torrados de volcões, e já fecundos;  
 As lavas delles, que ameação, fervem,

Palacios, que em ruínas de outros surgem,  
 Hum novo Mundo que do velho assoma  
 Nestes de Terra, e Mar longos tormentos.  
 Ah! Eu inda não vi essa risonha,  
 Essa encantada estancia, onde mil vezes  
 Soou do Mantuano a voz divina,  
 Mas, pelo Vate, pelo Vate o juro,  
 Heide, Apenino, transcender tens cumes,  
 E cheio do seu nome, e de seus versos,  
 Lêlos naquelles amorosos sitios,  
 Sitios, cópia do Ceo, que os inspirarão.

De encantadoras margens namorado,  
 Por fóra ingratos campos tens sómente  
 Em vez de aspectos que interesseem a alma?  
 De estranha vista, que atedia o gosto,  
 Vinguem-te objectos de mais bella escolha.  
 Aprende a deleitar-te em teu recinto,  
 Sê o emblema do Sabio independente,

Que entra em si mesmo , e que se apraz consigo.  
Nesse asylo fiel nos entranhemos.

Todavia em lugares onde a Terra  
De aspectos variâdos mais abunde ,  
Os thezoiros da vista he bem que poupes ;  
E seja leve gyro o custo delles.  
A arte os prometta , os olhos os esperem ;  
Dá quem promette , quem espera goza.  
Releva , que enfeitices , não que assombres.

Entre minhas lições também quizera  
Duas artes de effeitos encontrados :  
Huma os olhos adverte , outra os saltêa.

Mas antes de dictar preceitos novos ,  
Dois generos , ha tempo émulos ambos ,  
Disputão nossos vótos. Hum presenta  
De regular desenho a ordem grave ,

Aos campos dá bellezas que ignoravão ,  
 De pompa desnuda os atavia ,  
 E ás arvores põe leis, põe freio ás ondas ;  
 Brilha entre Escravos, Déspora orgulhoso :  
 He mais em magestade, em riso he menos.

Da Natureza respeitoso Amante,  
 O outro lhe ajusta comedido enfeite,  
 Trara benignamente os feiticeitos  
 Caprichos seus, o seu desleixo nobre,  
 O passo irregular, e exttahe com arte  
 Lindezas da desordem, té do acaso.

Cada qual tem seu jus, nenhum se exclua ;  
 Entre Kent, e le Notre eu não decido.  
 Ambos tem leis, tem graças : hum creou-se  
 Para Grandes, e Reis: oh Reis! oh Grandes,  
 Sois á magnificencia condemnados.  
 Em torno a vós o esforço, o extremo, o apuro

De alto poder se espera ; alli queremos  
 Que em prodigios , o luxo , o gosto , as artes  
 Excitem pasmos , embriaguem vistas.  
 Rebelde a Natureza á Industria cede ;  
 Mas deve grão triumpho honrar a Industria ;  
 Ella em seu esplendor tem seus direitos ,  
 He huma usurpadora , e lhe compete  
 A' força de grandeza obter desculpa.  
 Longe , pois , os Jardins desengenhosos ,  
 Insulsa Estancia , de que o Dono insulso  
 As arvores garridas fôfo exalta ,  
 Os pequenos salões bem decorados ,  
 A extrema symmetria escrupulosa ,  
 Passeios , onde nunca solitaria ,  
 Alamêda não ha , que irmãa não tenha ;  
 Caminhos degostosos , enjoados  
 Da obediencia ao cordel , os seus canteiros  
 Bordados , e os sens tenues fios de agua ;  
 Das arvores algumas torneadas

Em vasos, em pyramides, em globos,  
 E alçados bem na base os Pastorinhos.  
 Gabe o seu luxo pobre: eu anteponho  
 Hum campo bruto a seu jardim tristonho.

Distante destes minimos portentos,  
 Segue meu vôo á patria dos prestigios,  
 Vê Versailles, Marly, pomposos, lédos,  
 Onde Luiz, e a Natureza, e a Arte  
 Em tanta cópia desparzirão graças.  
 Que afoito resplandece allí o engenho!  
 Allí tudo he grandeza, he tudo encanto,  
 São de Alcina os jardins, de Armida os Paços,  
 Antes os de hum Heróe, que inda porcura  
 Vencer, domar obstaculos, sublime  
 Em seu retiro, em seu repouso, e sempre  
 Caminha, de milagres circundado.  
 Aquellas aguas vês, a terra, os bosques?  
 Submettidos tambem, seu jugo adorão.



Das arvores á verde architectura  
 Olha com que elegancia estão cazados  
 De fôrma singular Palacios doze!  
 Vê bronzes, que respiráo, vê correntes  
 Que, soltas da repreza, esbravejando,  
 Em grossos borbotões de fofa espuma  
 Cahem, e se estendem por canaes soberbos;  
 Em lustrosa espadana além se espalháo,  
 Em pavêas brilhanres cá se eleváo,  
 E nos benignos ares incendidas  
 De hum sol immaculado, eis chovem gotas  
 Côr de oiro, de safira, e de esmeralda.  
 Selvas, por onde absorro em extravio,  
 Os Sátyros, os Faunos vos povoáo,  
 Em vós Diana influe, e Citheréa;  
 He cada bosquezinho em vós hum Templo;  
 Cada mármore hum Deos. Luiz, folgando  
 Do pezo marcial, do horror da Guerra,  
 Como que nesta, a Jove idónea Estancia,

Convida todo o Olympto a seus festejos.  
 Nestes grandes effeitos he que importa  
 Que a arte se esmere, avulte, e brilhe, e encante.

Facilmente porém o assombro péza.  
 Louvo o Orador que erguidos pensamentos  
 Na luz, na pompa, na cadencia envólve,  
 Mas he curro prazer, e o deixo, e corro  
 A escutar corações na voz de amigos;  
 Mármore, bronzes, que alardêa o luxo,  
 Arte ostentosa em breve os olhos cança.  
 Mas as correntes, o arvored, as sombras,  
 Este luxo innocente, ah! não fatiga,  
 Não fariga jámais. Deos mesmo aos homens  
 Traçou este modêlo. Arenra em Milton.  
 Quando essa eterna Mão, que rege tudo,  
 Aos primeiros Mortais guarida apresenta,  
 Regulares caminhos abre acaso,  
 Talvez cariça na carreira as ondas?

De improprias, de forçadas vestiduras  
Cobre a infancia do Mundo, a Primavera  
Recemnacida? Não, sem arte alguma,  
E sem constrangimento, a Natureza,  
Estreou, exaurio delicias puras,  
Delicias puras, que nem ha na idéa.  
O misto amavel de planicie, e monte,  
Livres, e mollemente errando as aguas,  
Veredas tortuosas, e indecisas,  
Gratas desordens, novidades gratas,  
Aspectos, onde os olhos mal sabião  
Escolher, preferir, tudo alongava,  
Entretinha o prazer na variedade.  
Sobre viçoso esmalte aveludado  
Mil arvores, mil plantas, mil arbustos,  
Destes lugares ondeante adorno,  
Iman da vista, do sabor, e olfato,  
Em grupos elegantes, movediços,  
Em natural, dispersa negligencia,

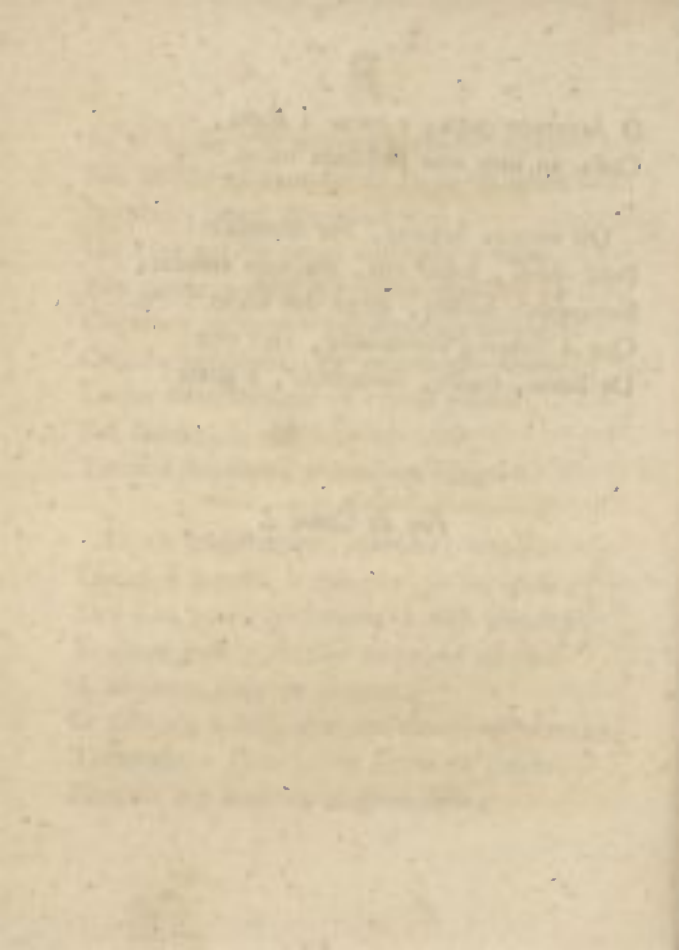
Já se fugião , já se avisinhavão.  
 Seu brando movimento ao longe ás vezes  
 Inopinada scena aos olhos dava ;  
 Ou com pendor gentil curvando a rama ,  
 Aos passos vinhão pôr suave estorvo ;  
 Ou sobre as frentes em festões pendião ,  
 Ou , na passagem , lhe entornavão flores.  
 Lindos Bosques direi de tenras plantas ,  
 Em latadas , e abóbadas travando  
 Troncos florentes , e florentes braços ?

Lá de imaginações , queridas , ternas ,  
 Cheios a mente , o coração , e os olhos ,  
 Deo Eva ao bello Amante a mão mimoza ,  
 E córou com a Aurota ás portas de oiro.  
 A Natureza toda os afagava ,  
 O Céu c'o a luz , com seu murmureo as ondas ;  
 Tremendo a Terra , lhes sentia os gostos ;  
 Favonio aos écos os suspiros dava ;

O Arvoredo rugia, e curva a Rosa;  
Cedia ao tóro seus perfumes todos.

Oh ventura inefavel, Par tranquillo!  
Feliz quem, como vòs, nos seus amados,  
Bonançosos jardins, longe dos males  
Que a Soberba atormentão, vive rico  
De flores, frutos, innocencia, e gosto!

*Fim do Canto I.*





# OS JARDINS,

## P O E M A.

---

### CANTO SEGUNDO.

---

**A** LYRA, que os rochedos, que as florestas  
Ao Rhódope attrahia, oh se eu tivesse!  
Ella fallára, e súbito arvoredos  
Sobre as paizagens lançarião sombras;  
A Laranjeira, o Til, Carvalhos, Cedros  
Virião nos meus campos collocar-se

Em pasmosa cadencia, em ordem bella;  
 Mas perdeu a harmonia os seus milagres,  
 A lyra já não reina, a penha he surda,  
 A arvore immóvel fica aos sons mais gratos;  
 Dous mágicos ha só: trabalho, e arte.

Aprende, pois, que industria, e que desvelo  
 Prestão mimo, ou riqueza ás várias plantas.

Pela ridente cõpa, a flor, e o fructo  
 A arvore he dos jardins primeiro ornato.  
 Para agradar, quantas figuras tõma,  
 Quantas figuras! Acolá se estendem  
 Pomposamente seus informes braços;  
 Brando, e ligeiro além se eleva o tronco,  
 Aqui lhe admiro, lhe namoro a graça,  
 A magestade alli. Roçada apenas,  
 Da menor viração, lhe ondêa a rama,  
 Ou contra os furacões arrebatados



Firma o corpo nodoso , a rija fronte ;  
 Dura , ou molle se inclina , ou se levanta ,  
 Protêo dos vegetais , a cada instante  
 Muda o feitio , a cor , verdura , e frutos  
 Para dar novo brilho á Natureza.

Eis os thesoiros teus , oh Arte , e o Gosto  
 Prohibe que sem ordem se dispendão.

Das varias plantas a extensão , e a fórma  
 Se offrece aos olhos em aspectos varios.  
 Ora selva profunda , inculca , e nègra  
 Derrama sombra immensa , ora apparece  
 Bosque risonho de arvores formosas.  
 Em ventilados campos mais ao longe  
 Os olhos chamão , a attenção dominão  
 Distribuidos , primorosos grupos.  
 Fiando-se na propria louçania ,  
 Só , n'outra parte humia arvore pompêa ,

Só ella exorna o chão : Tal , se he possível  
 Que a paz dos campos assemelhe a guerra ,  
 Cerrados batalhões , dispersas turmas ,  
 Numero , e forças ante nós ostentão ;  
 E altivo do seu nome , e sustentado  
 Na sua intrepidez , á frente delles  
 Hum só Heroe se avança , e todos vale.  
 Diversas plantações tem leis diversas.

Nos Jardins do Artificio em outros tempos  
 Olhava o luxo com desdem , com tedio  
 As isoladas arvoredos , e agora  
 Aprazem nos Jardins da Natureza.

Por capricho feliz , sisudo acaso  
 Estas desproporções tem attractivos ,  
 Difirão na distancia , aspecto , e fórma ,  
 Sempre a grandeza , ao menos a elegancia ,  
 Distinga a planta , ou ella , envergonhada ,

Por entre a multidão desapareça.  
 Mas se hum Carvalho, ou Plárano longeyo,  
 Patriarcha dos Bosques, ergue a fronte  
 Sombria, veneravel, toda a Tribu,  
 Disposta emtorno, com respeito o esquive,  
 Lhe faça Corre. Agradará dest'arte  
 A arvore, que isolada o Campo adorna.

Com mais escolha ainda, e com mais gosto  
 Os grupos te darão prestantes quadros.  
 De arvores mais, ou menos vigorosas,  
 Em numero qualquer, pequeno, ou grande  
 Fôrma-lhe a massa espessa, ou leves rufos:  
 Este Povo de Irmãos apraz ao longe,  
 Pôdes por elles variar desenhos;  
 Com elles se aproximão, se removem,  
 Se afastão, se reúnem perspexivas,  
 E com elles rambem sobre as paizagens  
 Se dobra, ou se desdobra o véo das sombras.

Formarão-se reus grupos: he já tempo  
Q'a hum tanto de arte os bosques se habituem.

Bosques augustos! Bosques venerandos!  
Eu vos acato, eu vos saúdo: as vossas  
Poeticas abóbadas não ouvem  
Já do Bardo feróz o horrivel canto;  
Hum delirio mais doce em vós habita,  
Vossas grutas ainda em verso instruem.  
Ermos antigos, magestosas sombrás,  
Vós inspirais os meus: ah! dai que eu possa  
Com respeitosa mão tocar-vos hoje,  
E que, sem profanar, aformosêe:  
De vós aprender quero a adereçar-vos.

Arvoredos expor-se aos olhos podem  
Em milhares de aspectos. Deste lado  
Pressos troncos as sombras lhe carreguem:  
Alegre-se acolá de luz escassa

A redolente estancia , travem nella  
 Combate deleitoso a noite , e o dia :  
 Mais além , signalando o chão co'as folhas ,  
 Sobre os claros dispetsas tremão plantas.  
 Porque , humas para as outras flucinando ,  
 É sem ousat tocar-se , ao mesmo tempo  
 Pareça , que se fogem , que se buscão.  
 O bosque assim por ti perde a aspereza ;  
 Mas seu grave character não desmanches ;  
 Com miudos objectos , mui frequentes  
 Não se interrompa , não se aliete o todo.  
 Hum seja , simples , grande , e toda a pompa  
 Com alguma ridez a Arte lhe deixe.  
 Apresenta esses troncos desttoçados ;  
 Quero vet , e seguit negras torrentes ,  
 Pelas quebradas concavas fervendo.  
 D'agoa , do tempo , do ar mantem vestigios ;  
 Venera do rochedo os ameaços ,  
 Deixa-o pendet , e em fim tudo respite

Silvestre, vigorosa formosura  
 Sobre o terreno magestoso. Agrada  
 Assim de hum bosque a rustica nobreza.

Com menor altivez, com mais brandura  
 Hum bosquezinho offrece amenos quadros:  
 Quer bellos sitios, e contornos bellos;  
 Fóge, rórna, em rodeios vai perder-se;  
 Entre flores estendê agoas serenas,  
 E cuidõ que inda nelle, embriagado  
 De hum extasis suave, em ocio puro,  
 As lições do prazer dicta Epicuro.

Mas não basta que em selva, ou bosquezinho  
 Haja riqueza ou elegante, ou bruta,  
 Cumpre ornar com primor seus exteriores.  
 Não vás, symmetrisando-lhe os limites,  
 Com recedentes muros oculrar-nos  
 Dos bosques as innúmeras familias.

Vet quero, penetrando o centro agreste,  
 Crescer a hum tempo as arvôtes diversas,  
 De vigor juvenil humas brilhantes,  
 Outras todas decrépitas, nodôsas,  
 Estas rasteiras, languidas, e aquellas,  
 Tyrannos das Florestas, esgotando  
 Da substancia o tributo a seus vassallos;  
 Scena em que a idéa vê com gosto imagens  
 Das idades, da vida, e dos costumes.

Apar destes effeitos, que valia  
 Terão verdes reparos, cuja fôrma  
 Entristece, importuna, afflige os olhos,  
 Fôrma que he sempre igual, nunca insperada?  
 Oh delicias da vista! Oh variedade!  
 Acode, vem romper nivel insulso,  
 Triste esquadro, e cordel fastidioso.

De matiz acertado, interessante

As extremas dos bosques se gharneção.  
 He a uniformidade ingrata aos olhos ;  
 Da que vem nos jardins elles se esfadão ,  
 A' sua extremidade elles se avanção ,  
 Folgão de discorrer a inopinada  
 Fôrma que lustra nos limites varios.  
 Em gyros mil brincando a vista errante ,  
 Ou com elles se entranha , ou sahe com elles ,  
 E nos diversos , florecientes quadros  
 De distancia em distancia , alegre pouosa.  
 O Bosque se engrandece , e a cada passo  
 Seus rodeios varia , e seus encantos.

A fôrma , pois , se lhe desenhê , e logo  
 As Arvores se escolhão , a que o Gosto  
 Prescreve o sacrificio ; mas sê tardo ,  
 Condena devagar , condena a custo :  
 Antes de executar-se a lei sevêra ,  
 Ah ! vê que manso , e manso as cria o Tempo ,



E altêa manso , e manso ; que impossivel  
 He a todo o oiro teu remir-lhe as sombras ,  
 E que já lhe deveste hum fresco amparo.

Duro Possuidor , com tudo , ás vezes ,  
 E sem necessidade ; e sem remorso ,  
 Aos golpes do machado as abandona ,  
 Eis sobre o seio da indignada Terra  
 As miseras baqueáo , seccáo , morrem :  
 Para sempre dalli com magoa vôáo  
 Doces meditações , cautos amores.  
 Ah ! por estes sagrados Arvoredos ,  
 Que aos bailes Pastoris prestaváo sombra ,  
 Por estas densas comas , que abrigárão  
 Vossos Avós , tende atenção , Profanos ,  
 C'os troncos religiosos. Já que os Évos  
 Nelles a robustez inda consentem ,  
 Não lhe afronteis a ancianidade angusta.  
 Tem de raiar , tem de raiar em breve

O dia em que estes bosques desmaiados,  
 Para ceder o imperio a tenras plantas,  
 Da excelsa frente, succumbindo ao ferro,  
 Verão no pó murchar-se a honra antiga.

Oh Versailles! Oh dor! Oh vós, Florestas,  
 De ceeste apparencia! Maravilhas,  
 Que fez hum grande Rei, Le Norre, e os Annos!  
 Eis sôa o corte; vosso termo he vindo.  
 Arvores, cuja audacia ás nuvens hia,  
 Feridas na raiz, no ar balançando  
 Suas cópas louçaãs, que abala o ferro,  
 Já dão ruidosa queda, e já seus troncos  
 Vão alastrando ao longe esses passeios,  
 Que de frescas abobadas cobrião  
 Com seus pomposos, estendidos braços.  
 O estrago se arreveo aos Arvoredos,  
 Cuja gloriosa frente a fronte heroica  
 De Luiz, o magnanimo, assombrava!

Destruirão-se bosques , onde as Artes ,  
 Mais suaves conquistas celebrando ,  
 Multiplicavão festivaes prazeres !  
 Amor , que he feito do encantado abrigo ,  
 Que ouviu de Montespan gemer o orgulho ?  
 Que he do retiro , onde tão meiga , e bella ,  
 Ao de ouvilla attrahido , absorto Amante  
 La Valiere exprimio segredos ternos ,  
 Rendida suspirou , sem crer-se amada ?  
 Tudo cahe , tudo acaba ; ao som terrivel  
 Desta destruição , não vês , não sentes  
 Aligero Tropel fugir medroso ?  
 Este volátil Povo , alegre , ufano  
 De habitação tão bella , e que entoava  
 Dos Monarcas no asylo os seus amores ,  
 Com dor se ausenta dos saudosos lares.  
 Deozes , de que estes pórticos honrara  
 Estremado cinzel , Deozes , vestidos  
 De verdes , molles véos , ainda ha pouco ,

Pela perdida sombra estão carpindo ,  
 Mostrão-se da nudez envergonhados ;  
 E , receando os olhos , Venus mesma ,  
 Venus se assombra de se ver despida.  
 Appressai-vos , crescei , mimosas Plantas ,  
 Tornai a povoar a Estancia cara.  
 Arvores semimortas , consolai-vos.  
 Vós , testemunhas da fraqueza humana ,  
 De Corneille , e Turenna os fados vistes ,  
 Vistes morrer o Heroe , morrer o Vate :  
 Ao menos , já contaes cem primaveras ,  
 E os nossos dias de mais luz , mais gloria  
 Ah ! voáo logo , e para sempre voáo .

Feliz daquelle que possue hum bosque  
 Formado pelo tempo ! Mas ditoso  
 Tambem quem para si pôde criallo !  
 Estas , que vão medrando , arvores bellas ,  
 Eu fui o que as plantou : ( diz como Cyro )

Tu, pois, se inda dispor das tuas pódes,  
 Teme que antes de tempo ellas rebentem.  
 Assim como o Pintor que, demorando  
 Indiscreto pincel na mão sabida,  
 Longamente co'a idéa esboça os quadros:  
 Tu dos desenhos teus medita a ordem;  
 O valor, a eficacia dos aspectos,  
 E dos sitios conhece; e o attractivo  
 Dos bosques nas colinas pendurados,  
 E a gala dos que em plano a sombra estendem.

Como as amigas fórmas, como as côres  
 Amigas, te he proveito conheceres  
 As advetsas tambem. O freixo altivo,  
 Arremessando ao ar comprida rama,  
 O inclinado salgueiro aborrecêra,  
 Do álamo opõem-se o verde ao do carvalho;  
 Mas tais odios tempêrão-se com arte:  
 Elegge por feliz intercessora

Humna arvore meã, que os concilie.  
 Desta sorte Vernet, com maga tinta  
 De duas côres a discordia extingue.  
 Conhece, pois, o emprego, a serventia  
 Das difirentes verduras, ou brilhantes,  
 Ou sem lustre, mais mortas, ou mais vivas.  
 Com taes alterações, com raes matizes  
 No seio das paizagens se varião  
 Formosamente as sombras, se produzem  
 Effeitos ora doces, e ora fortes,  
 Grandes contrastes, ou gentis concordias.

Observa-as maiormente quando o Outono  
 Perto de vella murcha enfeita a crôa:  
 Que pompa! Q'esplendor! Que variedade!  
 A côr alaranjada, a côr purpurea,  
 A opálica viveza, a do encarnado  
 Cstenração de seus thesoiros fazem.

Ai! Todo este esplendor lhe agoira a quéda!  
 Eis o fado commum! Depressa os Euros  
 Hão de espalhar pelos profundos valles  
 Os despojos selváticos: a folha  
 Cahindo, já distrahe de quando em quando  
 O solitario Pensador; mas estas  
 Mesmas ruinas para mim são gratas;  
 Alli, se fundas queixas nutro n' alma,  
 Ou assanhar-me a chaga vem memorias,  
 Gósto de misturar, de ver conforme  
 O luto meu da Natureza ao luto.  
 Dos seccos bosques, dos raminhos murchos  
 Me apraz pizar fragmentos, só, e errante.  
 Dias de embriaguez, e de loucura,  
 Os mentirosos dias já voarão;  
 Terna Melancolia, a ti me entrego,  
 Vem, mas não de atras nuvens carregada,  
 Onde se envolve a tenebrosa Angustia:  
 Por entre véo ligeiro a vista branda

Dirige á Terra , aos Ceos , como no Outono  
 Os vapores traspassa hum tibio dia ;  
 Traze , oh dos Vates , dos Amantes socia ,  
 Sereno o rosto , os olhos pensativos ,  
 E a deleitosas lagrimas propensos.

Mas em quanto minha alma se apascenta  
 Nestas idéas , mil floridas castas  
 De fragantes , de tremulos arbustos  
 Chamando estão por mim. Vem , lindo Povo ,  
 Tu entre a arvore , e a flor tu és o meio ,  
 E's como a transição. Teus delicados  
 Caractéres agora a scena enfeitam.  
 Oh ! se não me instigasse o largo assumpto ,  
 Se ao termo , que me espera , eu não corresse ;  
 Que jubilo teria em dirigir-vos !  
 Eu vos reproduzira , eu vos mostrára  
 Em cem fecundas fôrmas , eu faria  
 A' sombra vossa murmurar correntes ,



Vossa rama em abóbadas travara ;  
 Envoltos nestes vívidos ulmeiros ,  
 Irião serpeando os vossos braços  
 Pelos rígidos troncos , e serieis  
 O symbolo da graça , unida á força.  
 Fundira , aproveitára as vossas côres :  
 A azul ferrete , a encarnada , a branca ;  
 Dos othos as delicias alternando ,  
 Vossos penachos , cálices , e flores ,  
 Formar virião meus brilhantes quadros ,  
 E o mesmo Vanhuysum mos invejára.

Tu , que estes férteis dons dos Ceos houveste ,  
 Com arte economiza arbórea pompa :  
 Favores seus co'as Estações reparte.  
 Co'as côres , e os perfumes cada arbusto  
 Por seu turno appareça , e nunca murche  
 Na frente do Anno a flórida capela.  
 Assim com elle o teu jardim varia :

Cada mez tem seu bosque , e cada bosque  
 A sua Primavera . . . ah ! cedo extincta !  
 Tua industria , porém , da sua instavel ,  
 Curta riqueza consolar-nos pôde.  
 Com prudencia estas arvores plantadas ,  
 Quando flor não tiverem , graça tenham.  
 Tal , dilatando o imperio de seus olhos ,  
 Já na declinação dos annos bellos ,  
 A destra Ulna me seduz , me enlêa.

Da inclemencia dos ares a despeito ,  
 O Ceo não desherdou de todo o Inverno ;  
 Então dos ventos provocando a raiva ,  
 Não poucos vegetaes conservão folhas.  
 Olha o Teixo , olha a Era , olha o Pinheiro ,  
 O pungente Azevinho , o sacro Loiro ,  
 De verdura immortal , que a Terra vingão ,  
 Vingão dos Aquilões a Natureza.  
 De purpura , e coral , vê fructos , bagas ;

Que esmalte aos ramos dão! Seu atavio  
 Sobre os despídos Campos lisonjêa :  
 Por menos esperado he mais formoso.  
 Os teus Jardins de Inverno assim povôa ;  
 Lá de hum benigno dia a luz te affaga ,  
 Lá , quando em outra parte he nua a Terra ;  
 O passarinho adeja , e se diverte  
 Inda debaixo de viçosas folhas :  
 O sitio o illude , não conhece o tempo ;  
 Vêlla imagina , e canta a Primavera :  
 Assim , sem ser facticia a Estancia agrada.  
 Mas os Jardins dos Reis com que artificio ,  
 Com que apparatus esplendido triunfão  
 Dos sanhudos Invernos ! Sempre verdes ,  
 Oh Monceaux ! Teus jardins são disto exemplo.  
 Troncos fingidos de arvores ausentes ,  
 Grutas de encanto , mágicas latadas ,  
 Tndo alli rouba os olhos. Afrontando  
 A ríspida Estação caliginosa ,

A nascer entre o gelo aprende a rosa.  
 Milagres alli domão tempos , climas ,  
 Das Fadas o poder alli se antolha.

Mas não são todavia estes encantos  
 Dos Jardins o melhor , mais doce ornato.  
 Cedo o costume te desorna os bosques.  
 Quando os Estranhos tuas sombras gostão  
 Jaz muitas vezes descontente o Dono.  
 Meios não ha , cuja virtude occulta  
 Sempre a teus bosques a affeição te avive ?  
 Oh ! quanto dos Lapões me apraz o estilo !  
 Oh ! como enganão seus Invernos duros !  
 O Til soberbo , os Olmos reforçados  
 Temem daquelles Campos o regelo ;  
 De alguns tristes Pinheiros , negros , bravos  
 Indigente , escassissima verdura  
 Apenas a geada ali penetra.  
 Mas o minimo arbusto , que poupassem

Aquelles agros climas, ante os olhos  
 Dos habitantes seus tem mil feitiços.  
 He consagrado a filho, a pai, a amigo ;  
 A Hospede que parte, e deixa prantos,  
 Deixa saudade eterna, e de algum delles  
 O nome, sempre caro, à Planta fica.

Tu, de quem puro Ceo clarèa a Patria,  
 Imitar podes tão feliz industria:  
 Ella animará tudo, arvores, bosques  
 Não serão mudos, não serão desertos:  
 Hão de immensas memorias habitallos,  
 Gostos distantes adornar-lhe as sombras,

E quem prohibe, se o favor dos Numes  
 Com doce prole teus desejos farta,  
 Quem véda consagrares esse dia  
 Com troncos de nascente bosquezinho...!  
 Mas em quanto estes versos, Musa, entôas,

Que popular clamor aos ares sobe!  
 Nasceo, nasceo o herdeiro aos Reis da Gallia!  
 Nos muros, nas falanges, sobre as ondas,  
 Nosso terrivel, triunfante raio  
 Trôa, corre, e aos dois Mundos o annuncião.  
 Flores são pouco para ornar-lhe o berço,  
 Os loiros lhe trazei, trazei-lhe as palmas;  
 Raiem dias de gloria ante o primeiro  
 Volver dos olhos seus; nascido apenas,  
 Da Victoria oiça o hymno; eis o festejo  
 Que ao puro sangue dos Bourbons se deve.  
 É tu por quem tal dom dos Ceos nos veio,  
 Tu, nõ mimoso, tu prizão querida  
 Do Germano, e Francez, que Irmão, e Esposo  
 Unes como odorifera grinalda  
 Que enlaça dois Ulmeiros magestosos;  
 Consorte, Mãi, e Irmã, teus fados ligão  
 O Penhor de Hymenão da Morte ao luto;  
 Em teus olhos misturão pranto, e riso,

Dando-te o Filho quando a Mãe te roubão ,  
 Nos transportes que influe este aureo dia ,  
 Ou sem Almas ferventes , creadoras  
 Animar os pinceis , a pedra , a lyra ;  
 Dos Campos eu cantor , e humilde amigo ,  
 Irei onde os Favonios , onde Flora  
 Sós te compõem a delectavel Corte ,  
 Irei a Trianon : alli risonho  
 Em unico tributo á Prole tua  
 Arvores sagrarei da sua idade ,  
 Hum bosquezinho que lhe deva o nome.  
 Verão teus olhos avultar o amavel ,  
 O simples monumento , aquelles troncos ,  
 Dos bosques teus o mais suave ornato ;  
 E com ellas crescendo , recrear-se  
 A's sombras fraternaes irá teu filho.

Gozas , emfim , e o coração , e os olhos  
 Feliz Possuidor , já se embelezão

Nos arvoredos teus. Tambem desejas  
 Unir ao gosto a gloria, obter a palma  
 Nesta arte singular com que os decoras?  
 De creador mereçe, alcança o nome.  
 Olha como em segredo a Natureza  
 Sempre está fermentando, e como sempre  
 A precisão de produzir a ancêa.  
 Não lhe acodes? Quem sabe que thesoiros  
 Inda em seus cofres para a Industria guarda?  
 Como esta a seu arbitrio as ondas guia,  
 Pòde guiar o succo: outros caminhos,  
 Outros canaes a seu liquor franquêa.  
 Por novos hymenêos fecunda os Campos,  
 Das seibas virgens exprimenta o mixto,  
 De seus dons mutuos favorece a troca.  
 Quantas arvores, fructos, plantas, flores  
 Tem mudado o perfume, a côr, e o gosto,  
 Tudo por arte! O Pecegueiro 'a estas  
 Metamorfóses sua gloria deve.



Assim com triple croa a rosa brilha,  
 De seu penacho assim blasona o cravo.  
 Ousa. Deos fez o Mundo, o Homem o adorna.  
 Se a tão bellas conquistas não te afoitas,  
 Cobertas d'outro Ceo tens mil riquezas.  
 Usurpa esses thesoiros. Tal, mais brando  
 Vencedor, e mais justo nos seus roubos,  
 O Romano soberbo á Ausonia trouxe  
 Syrias ameixas, o damasco Armenio,  
 Da Gallia a pera, e fructos mil diversos:  
 Assim devèra subjugar-se o Mundo.  
 Lá quando d'Asia triunfou Lucullo  
 O bronze, o oiro, o marmore assombravão  
 De Roma os olhos, e entretanto o Sabio  
 Prezou ver-lhe nas mãos a cerejeira  
 Conduzida em triumpho ao Capitolio.  
 E esses mesmos Romanos já não virão  
 Nossos Avós, em batalhões armados,  
 Debaixo de outros Ceos mais bemfazejos

As vinhas ir buscar, votando a Brómio  
 Tintos pendões em nectar dos Vencidos?  
 Co' fruto das beligeras emprezas  
 Excandecida a Turba, os preciosos  
 Troféos, cantando, aos Lares seus trazia.  
 As cabeças o pâmpano croava,  
 O pâmpano em festoens cingia as lanças.  
 Desta arte o Numen, vencedor do Ganges,  
 Tornou triunfante: serranias, valles  
 Da vindima o fervor solemnisavão,  
 E por onde corria o mago nectar  
 Folgavão brincos, e o prazer, e a audacia.

Neros dos Gallos, os Avós se imitem;  
 Roubemos, disputemos taes despojos.  
 Nesses jardins altivos de regellos  
 A mão, que a Themis empunhara o Sceptro,  
 Malesherbe, o facundo, o digno ramo  
 Dos Lamoignons, com troncos orgulhosos

Honra, abastece o chão: trazidas Plantas  
 Dos fins da Terra, das equóteas margens,  
 De alcantálidos cumes de agras serras  
 Das portas do Nascente, e das do Occaso  
 Plantas, que açoita o Sul, que açoita o Norte,  
 Plantas, filhas do ardor, filhas do gelo,  
 Me fazem, n'um lugar, correr mil climas.  
 Vago, entre aquella Multidão florente,  
 Asia, America, Europa, Africa, o Mundo.  
 Regozijadas de se ver no meio  
 Das velhas plantas nossas, amáo todas  
 Nosso amoravel Ceo, e estranhas Gentes  
 Reconhecendo as arvores da Patria,  
 Duvidão já da sua ausencia, ao vellas,  
 Ou de terna saudade os golpes sentem.  
 Moço Potaveri, tu disto es prova.

Dos Campos d'O-taiti, daquelles Campos;  
 Táo caros, n'outro tempo á sua infancia,

Onde he sem pejo Amor, Amor sem crime,  
Este ingenuo, selvatico Mancebo,  
Trazido a nossos muros, pranteava  
Sua antiga, innocente liberdade,  
Ilha risonha, e jubilos tão faceis.  
Do esplendor das Cidades sim pasmado,  
Mas farto dellas, vezes miil clamava:  
Dai-me as florestas minhas: eis que hum dia  
Nesses jardins, onde Luiz congrega,  
Dispõem n'um sitio só, e a custo immenso,  
Os Povos vegetaes de tantos climas,  
Como espantados de crescerem juntos,  
De lugar, e estação mudando a hum tempo,  
E cultos a Jussieu rendendo todos;  
Nesses Jardins o Indiano vagueava,  
Olhando as varias, ordenadas Tribus,  
Quando entre estas Colonias vecejantes  
Lhe fere os olhos arvore que o triste  
Desde os primeiros annos seus conhece.

Súbito, desatando agudos gritos,  
 A ella corre, abraça-se com ella,  
 Beijos a cobrem, lagrimas a inundão.  
 Objectos mil de inexplicavel gosto,  
 Os Ceos, os Campos que ditoso o virão,  
 Ceos tão formosos, tão formosos Campos?  
 Os rios que fendeo co'as mãos nervosas,  
 Matas por onde os brutos habitantes  
 Tão destro aseteava, as bananeitas  
 De sombras, e de frutos abastadas,  
 O patrio asylo, os bosques circumstantes,  
 Que aos canticos de amor lhe respondião,  
 Julgou ver, e a sua alma enternecida  
 Hum momento sequer gozou da Patria.

*Fim do Canto II.*





OS JARDINS,

POEMA.



CANTO TERCEIRO.

**E**U cantava os jardins, vergeis, e bosques,  
Eis sóta vezes tres Belona o grito,  
Eis dos paternos Lares arrancado,  
Vôa o Francez Guerreiro a estranhos mares,  
E de Venus, Mavorte as selvas deixa.

Vós , á Paz innocente affeiçãoados ,  
 Deoses dos Campos , não temais a guerra ,  
 Quer o grande Luiz não destruit-vos ,  
 Mas ao longe estender o imperio vosso ;  
 Quer que logre tranquillo o que semêa  
 Hum Povo amigo longamente oppresso.  
 E vós , Mancebos , que outro Mundo admira ,  
 Se por cima de tumidas voragens ,  
 A York o vosso ardor seguir não posso ,  
 Para quando volteis aperfeiçoa  
 Jardins a Musa minha. Ordeno ás flores  
 Que para as fronteas vossas vão crescendo,  
 Aprompto para vós de myrto as croas ,  
 O murmureo das agoas vos preparo ,  
 E gramineo tapiz , e asylo umbroso.  
 Sentados molemente , ao Lethes dando  
 Fadigas marciaes , direis a gloria  
 Das nossas forças bélicas , e emtanto  
 Entre esperanças , e temor suspensos ,



Confundiráo , tremendo , os filhos vossos  
Co' a presença do perigo a imagem delle.

Amador dos jardins , eia , acabemos  
De pulir estes placidos abrigos.  
Infecundo areal , e secco , e triste ,  
Nelles o dia reflectindo outr'hora ,  
Importunava os pés , cansava os olhos.  
Tudo era ardente , e nu ; mas Inglaterra  
Nos ensinou com que arte o chão se veste.  
Na relva cuida , pois , que os campos brotão.  
O regador na dextra , ou nella a fouce ,  
Lhes mate as sedes , lhes tosquie as tranças.  
As leivas o cylindro pize , aplane ;  
Sempre , escolhidas bem , bem apertadas ,  
Bem libertas da erva usurpadora ,  
Qual macia lanugem finas sejam ,  
Repare-se-lhe ás vezes a velhice ;  
Mas , comtudo , aos lugares não remotos

Se reserve este luxo de verdura :  
 Do resto se componhão ricos pastos ,  
 E sómente os cultivem teus rebanhos ,  
 Terás dest'arte numerosas crias ,  
 Os Campos adabio , os olhos quadros.  
 Não te envergonhe , pois , ( e grite embora  
 O orgulho ) não defendas que em tens parques  
 Entre a Vacca fecunda , o Boi tardio :  
 Nem deshonrão teus parques , nem meus versos.

Muito pouco he porê m crear sómente  
 Esses tapizes vastos , e viçosos :  
 Cumpre que saibas escolher-lhe as formas.  
 Longe a monotonia , ah ! longe delles :  
 Ê m quadrada feição , feição redonda  
 Tristemente opprimidos os não quero.  
 Hum ar de liberdade he seu primeiro ,  
 Gracioso attractivo : ora nos bosques ,  
 Cuja sombra os abraça , elles se escondão

Com visos de mysterio , ora esses mesmos  
 Bosques venhão buscallos. Esta a forma  
 Da campestre alcatifa , pura , e simples ,

Amas o bello? A Natureza imita ,  
 Que esmalta os prados de opulentas cores :  
 Dá-te pressa ; os jardins te pedem flores.  
 Flores mimosas , candidas boninas ,  
 Por vós he mais gentil a Natureza.  
 Nos quadros por modelo a arte vos toma ;  
 De terno coração sois dons singelos ,  
 Que arrisca Amor , e que a Amizade offrece.  
 Em doirada madeixa , em niveo seio  
 Requinta-se convosco a formosura ;  
 Que a victoria adorneis permite o Loiro ,  
 Do virgineo pudor tambem sois premio.  
 O mesmo , o mesmo Altar , onde repousa  
 A Grandeza de hum Deos , na Primavera  
 Com vossas oblações se aromatiza ,

E a Religião, sorrindo-se, as acolhe;  
 Mas tendes nos jardins o domicilio.  
 Do Sol, da Aurora vinde, pois, oh filhas,  
 Decorar o theatro a nossos campos.

Comtudo, não cuideis que, insano Amante,  
 Em vez de vos travar, em vez de unir-vos  
 Em brandos, amorosos ramilhetes,  
 De canteiro em canteiro, atrento espere  
 De cada nova flor o nascimento,  
 E lhe espie o matiz, lhe observe as côres.  
 Sei que em Harlem ha curiosos tristes,  
 Que em seus jardins co'as flores vão fechar-se,  
 Que, por ver hum rainunculo, despertão  
 Antes d'alva, e que adorão, qual prodigio,  
 Anémoma exquisita, ou que, invejando  
 De hum rival o segredo, a peso de oiro  
 Comprão de hum cravo as manchas. Deixa aos  
 loucos

Seu maniaco amor: possuão, gozem  
 Embora quaes ciosos, quaes avaros.

Sem de arte caprichosa as leis seguides,  
 Vós, dos olhos prazer, do campo adorno,  
 Flores, pintai a superficie á terra;  
 Mas a vossa beleza, o mimo vosso  
 Entre curtos limites não se estreitem.  
 Em toda a parte esses thesoiros brilhem:  
 Ora nos tapizes a verdura esmaltem,  
 Ora de hum lado, e d'outro enfeitem ruas;  
 Em mesclados festões cercai ramadas,  
 Agoas orlai em lucidos Meandros,  
 Ou convosco estes muros se alcatifem,  
 Ou, querendo escolher vossos perfumes,  
 Gyre, indecisa, no açafate a abelha.  
 Seguindo-vos Rapin nas quadras todas,  
 Nemhum matiz, ou nome vosso esqueça;  
 A tão frias, cansadas miudezas

Oppõem-se o Deos do gosto. Mas quem póde  
 Negar o obsequio, a preferencia á rosa,  
 A' rosa, de que Venus bosques tece,  
 Croas a Primavera, Amor seus mimos?  
 A' flor de Anacreonte, á flor que Horacio  
 Nos dias festivaes engrinaldava?

Mas tão risonho objecto em demasia  
 Apraz aos meus pinceis, cujo destino  
 He quadros desenhar mais vigorosos.  
 Oh vós, de que eu trilhava o chão florido,  
 Bosquesinhos, adeos, adeos, oh prados.  
 Attrahe minha attenção o informe aspecto  
 Dos rochedos sem regra desparzidos.

Foi sua alta rudeza em outros tempos  
 Banida dos Jardins, onde reinava  
 A inérte, semsabor monotonia.  
 Mas depois que o Pintor, leis dando nelles,

Contra acanhado Artifice restaura  
 Totalmente o seu jus, emfim se atrevem  
 A apossar-se os jardins destes effeitos.  
 Por mais graças, porém, que venha dellas,  
 Se estas rígidas massas magestosas  
 Não offrece o terreno, então debalde,  
 Presumpçosa Rival da Natureza,  
 A Arte em falsas imagens se apurara.  
 Do cume dos Rochedos verdadeiros,  
 Da Mãe universal morada incultra,  
 Ella escarnece de affectadas penhas,  
 Misero aborto de fadiga inutil.

Aos Campos de Midléton, ás Montanhas  
 De Dovedale, te acompanho os passos,  
 A ellas, Whateli, contigo subo.  
 Que aprazivel terror me assenhorêa!  
 Todos esses rochedos, variando  
 Os cimos colossais, arremessados

Aqui aos Ceos, alli para os abysmos,  
 Hum por outro amparados, hum sobre outro,  
 E no ar ousadamente alguns suspensos,  
 Este em arcada, em torre afeiçoado,  
 Aquelle pelo pórtico sombrio  
 Deixando perceber ao longe o Polo;  
 Além mananciais, aqui regatos  
 De limpida corrente, alegre, e mansa,  
 Tudo, ah! tudo no espirito revolve  
 Os mágicos retiros, que os Poetas  
 Canrátão, fabulando. Oh quão ditoso  
 Serás se teus jardins afformosêas  
 Com estas grandes, alterosas vistas!

Mas para que a teu quadro bem se ajustem,  
 Contra a tósca energia dos rochedos  
 Cumpre de encantador ter a eficacia.  
 O encanador he a arte, o encanto os bosques;  
 Ella falla, os rochedos eis se assombrão,



E como que os enfuna a pompa estranha.  
 Porém, sua aridez austera ornando,  
 Sagaz diversifica os teus plantios.  
 Ao cobiçoso espectador offrece  
 Das fôrmas, e das côres os contrastes;  
 Saião por entre as arvores a espaços  
 Os mais bellos rochedos: interrompe  
 Summa igualdade, esconde, ou patentêa!  
 Variem-se co'as arvores as rôchas,  
 As arvores co'as rôchas se variem.

Não tens tambem, para formar-lhe a gala  
 Não tens do baixo arbusto a folha errante?  
 Gôsto de ver os dóceis novedios  
 Pelos áridos flancos dos penedos  
 Em tenrinhos festões ir serpeando;  
 Gôsto de ver-lhes a escalvada fronte  
 Toucar-se de verdura, e ganhar sombras.  
 Isto inda he pouco. Hum valle entre éstas penhas;

Hum valle precioso, hum chão mais grato  
 Ri-se a teus olhos? Aproveita-o, mostra,  
 Expoem esta riqueza inesperada.  
 He feliz, singular este contraste,  
 He a esterilidade, ella, que hum breve  
 Espaço apetecivel de terreno  
 Cede á fertilidade: assim subjugas  
 O aspérrimo caracter dos rochedos.

Para agradar-te he força ornallos sempre?  
 Não; se a arte deve o horror sempre adoçar-lhes,  
 Consente ás vezes que o pavor inspirem,  
 Favorece-os até. Na extremidade  
 De hum precipicio huma cabana eleva,  
 E com ella augmentado elle parece:  
 Ponte audaz de hum rochedo a outro lança;  
 Eu tremo ao vêllos, e a medonho abysmo  
 Inminente me põem a fantasia.  
 Lembrão-me esses boatos populares,

Os casos de perdidos Passageiros,  
 D'Amantes despenhados: contos velhos  
 Que, prendendo attenção maravillhada,  
 A' credula Aldeã serões encurtão;  
 E o terror do lugar ajuda a crença.

Porém com sobriedade usar se deve  
 Destes grandes effeitos. A tão duras,  
 Tão agras commoções, abalos doces,  
 Molle socego o coração prefere:  
 Eu exprimento em mim que das montanhas  
 Me he preciso baixar aos ledos valles.  
 Tenho-os de flores, de arvores coberto:  
 Tempo he que á sombra dellas manem agoas.  
 Bem: já que os cimões vossos, nus outr' hora,  
 Pelas minhas lições estão vestidos  
 Tão ricamente, oh róchas, franqueai-me  
 As subterraneas, íntimas origens:  
 Rios, arroyos, vós, vós, lagos, fontes,

Vinde, espraiai frescura, e vida em tudo.  
 Ah! Que prazer substituir-vos pôde?  
 Vosso contente, luzidio aspecto  
 Se de perro entrarem, convida ao longe.  
 Sois o primeiro objecto que se busca,  
 O ultimo que se deixa. As agoas vossas  
 Fertilizando a Terra, o Ceo duplicão.  
 Os onvidos encanta, encanta os olhos  
 Vosso cristal, vosso murmureo. Ah! vinde;  
 Dado seja a meus versos, que vos seguem,  
 Correr do coração mais tentadores,  
 Mais abundantes que o principio vosso;  
 Mais leves do que os Zéfyras, que dobrão  
 Vossos canaviais; e brandos, puros  
 Como esse rumorzinho, essa corrente.

Tu, senhor destas agoas bemfeitoras,  
 Venera-lhe o pendor, té o capricho;  
 Nos livres gyros seus vê como abraçô

Facilmente das margens os contornos.  
 E onças, encarcerando-lhe a brandura,  
 Os tortuosos passos constranger-lhe!  
 De que lhe serve o marmore em que he preza?  
 Não vês co'a longa trança entregue aos ventos,  
 Sem arte alguma, sem posição adorno,  
 Campestre, prazenteira, ingénua Moça  
 Andar, correr, saltar! A graça della  
 Está no solto, natural meneio..  
 Contempla n'um Serralho a Formosura.  
 Ella deslumbra em vão, debalde ostenta  
 A pompa oriental, brilho estudado:  
 Hum triste não sei que, na face impresso,  
 Lhe argue a sujeição, desbota as graças.

A agoa mantenha a liberdade que ama,  
 Ou muda-lhe em belleza o cativoiro.  
 Assim, contra Morel, cuja eloquente,  
 E ponderosa voz pleitear soube

Os direitos da simples Natureza ,  
 Gósto das agoas , que em canaes opressas ,  
 Com rápida violencia partem , saltáo.  
 Ao ver esses cristais , que arte atrevida  
 Da Terra faz brotar , e aos ares lança ,  
 O Homem diz : “ eu criei estes portentos : ,  
 E em tais prestigios a arte sua admira.  
 Nos custosos jardins dos Reis , dos Grandes  
 Reluzáo , pois ; mas , outra vez o digo ,  
 Longe os luxos plebêos , o vergonhoso ,  
 Mesquinho jácto de agoa , que da Terra  
 Mal ousando arredar-se , apenas sóbe ,  
 E em mínima distancia morre logo.

Tudo a tanta riqueza corresponda ;  
 Tudo grangêe à roda hum ar de encanto.  
 Os olhos persuade , e o pensamento  
 De que vara eficaz em mão de Fada  
 Formára para a Dona este retiro.

Tal eu vi de Saint Cloud o amavel bosque.  
 Póde a vista medir do jacto a altura?  
 Como que aplaudem tanques, grutas, plantas  
 As agoas, que sobre agoas cahem, fervem;  
 O ar he mais fresco alli, mais verde a relva,  
 Das aves o gorgueio alli se aviva  
 Ao som das vitreas ondas, que baquêão;  
 E, as rociadas restas inclinando,  
 Como que ao doce orvalho os bosques se abrem.  
 Não menos bella, mais campestre, e simples  
 A cascata ornará lugar mais tosco.  
 De longe se ouve, admira-se de perto  
 Lympha sempre a cahir, sempre suspensa;  
 E vária, e magestosa, anima a hum tempo  
 Os rochedos, a terra, agoas, e bosques.  
 Empiega, pois, esta arte; porém longe  
 Esses tristes degrãos, onde, cahindo  
 Com movimento ignal, medida cerra,  
 As ondas, bem que vão precipitadas,

Até no seu furor seus passos contão.  
Só tem jus de aprazer a variedade.

Goza mais de hum caracter a cascata.  
Ora em tumulto as agoas despenhadas  
No tortuoso leito, correm, cahem,  
Saltão, recahem, e escumão, e esbraveão,  
Ora de espaço desdobrando as ondas,  
Puro, calado, remansinho ameno  
Em azul véo se esparge. Os olhos folgão  
De ver estes gentis Anfiteatros,  
De ver sobre as ceruleas espadanas  
Reflectir, scintilar o oiro diurno;  
Tambem lhe apraz a escuridão das penhas,  
E a verdura das canas, e a espumosa  
Argentea côr das agoas frigidias.

Consulta, pois, Artifice, os effeitos  
Que intentas produzir. As lymphas, promptas



Sempre a deixar guiar-se, hão de offercer-te,  
 Quer mais impetuosas, quer mais lentas,  
 Quadros benignos, ou soberbos quadros,  
 Graves, ou deleitosos: quadros, n'alma  
 Sempre efficazes. Que mortal não prôva  
 A profunda impressão que vem das ondas?  
 Sempre, ou viva corrente arrebatada  
 Sobre seixos murmure, e ferva, e salte,  
 Ou ribeira indolente sobre o lodo  
 Em paz alargue as agoas preguiçosas,  
 Ou torrente feróz entre penedos  
 Quebre com rijo estrondo, alegre, triste  
 A sua correnteza excita, applaca,  
 Ameaça, ou amima. Escuto á fama  
 Que de Venus o cinto milagroso  
 Amores, e desejos incluia,  
 E o prazer, e a esperança, precursôra  
 De inefaveis delicias. O teu cinto  
 He, divina Cybele, he agoa: nella,

Não menos poderosa, estão complexos  
 Terror, perturbação, tristeza, e riso.  
 Quem melhor o sentio do que a minha alma?  
 Quem o soube melhor? Mil, e mil vezes  
 Quando azedos, escimos pezadumes,  
 Inda mais pela noite enegrecidos,  
 Vinhão martyrizar-me o pensamento,  
 Se ouvia os passos de visinho arroyo,  
 Demandava estes sons consoladores.  
 Das agoas a frescura, a vóz das agoas  
 Cuidados, afflicções me adormecião,  
 E a paz do coração resuscitava:  
 Tanto d'agoa o murmureo n'alma influe!

Em paga de tão gratos beneficios,  
 Sofre, oh ribeiro, que a arte, sem, comtudo,  
 Muito se assoberbar, te aformosêe,  
 Se he que aformosear-te acaso pôde.

Não quadra a vasto plano hum rio escasso :  
 Seu leito incerta linha alli traçára.  
 A tímida corrente á luz se furta ,  
 E quer banhar hum bosquezinho escuso.  
 Sua doce carreira adorna as selvas ,  
 Só ellas o namorão. Seus caprichos  
 Lá com todo o vagar seguir-se pódem ,  
 Seus gyros , seu pendor , seu lindo estorvo ,  
 A cólera , o fervor das bellas ondas ,  
 Tornadas pelo obstáculo mais bellas.  
 Ora n'um álveo concavo , e sombrio  
 Co'a ramada que o cobre , elle recata  
 O cabedal agreste , ora presenta  
 Em patente canal o espelho á vista :  
 Sem vello o escuto , ou sem onvillo o vejo.  
 Alli meigos cristais abração lhas ,  
 Além se torna em dois o leve arroyo ,  
 Em dois , que nas carreiras competindo ,  
 Apóstão rapidez , e claridade ;

E ambos depois no leito, que os ajunta  
 De andarem par a par murmurão ledos.  
 Errando sempre assim, de volta em volta,  
 Mudo, loquaz, pacífico, agitado,  
 Em mil varios aspectos se renova.

Mas copiosa ribeira às frescas margens  
 Me está chamando. Em campo mais aberto,  
 Nobre, e pomposo quadro, as ondas suas  
 Ondas menos modestas, vão rolando,  
 E co' falgor diurno ao longe brilhão.  
 Deixa ao regato seu prazer lascivo,  
 A sua agitação, e os seus rodeios;  
 E segne caudolosa a curvidade,  
 O circuito dos valles sinuosos.

Se dos bosques o arroyo adorno colhe;  
 Ama o rio também diversas plantas.  
 Quer que lhe ornem, lhe assombrem a corrente,

Os descorados chôpos, e os salgueiros  
 Meios verdes. Que origem tão fecunda  
 De scenas, de accidentes! Alli gôsto  
 De olhar-lhe derrubadas sobre o rio  
 As ramas, e tremer ao movimento  
 Das agoas, e dos ares; aqui foge  
 Por baixo das abobadas virentes  
 A onda escurecida; além penetra  
 Por entre folha, e folha hum tenue lume,  
 Ora as grenhas se embebem na corrente,  
 Ora a impede a raiz; e desmandando  
 De huma para outra margem a verdura,  
 Como que avanção, que outro sitio querem.  
 Assim as ondas, e arvores se ajudão,  
 A agoa remoça a planta, a planta a enfeita;  
 E ambas fazem, ligando-se em mil fórmãs,  
 Amavel cambio de frescura, e sombra.

Unillas sabe, pois, ou se em lugares

Formosos, propios della, a Natureza  
 Já celebrou sem ti este consorcio,  
 Respeita-a. Desgraçado o que presume  
 Excedella no engenho! He tal (e á mente  
 O coração mo traz) tal he o asylo,  
 Querido Watelet, onde, amansando,  
 Em sombrios canais se parte o Sena,  
 O Sena encantador, tão puro, e livre  
 Como a tua moral, como os teus dias,  
 E visita em segredo o lar de hum Sabio,  
 Com atte lhe acudiste, não com atte  
 Temeraria, fallaz, profanadora  
 Desses lugares que supõe que adorna.  
 Viste, amaste, sentiste a Natureza,  
 Digno de a vér, de amalla, e de sentilla;  
 Tu a trataste como intracta Virgem,  
 Que da nudez se corre, e teme o ornato.  
 Parece-me, que vejo o falso gosto  
 Estragar esses campos feiçiceiros:

" Este moinho, cujo som ruidoso  
 Nutre a meditação, he importuno ;  
 Dalli o'arrancão subito. Estas margens  
 Torneadas assim tão brandamente,  
 E pelo proprio Sena afeiçoadas,  
 Duramente se alinhão. A verdura,  
 Que no seu molle cinto o rio encerra,  
 Alli já não florece. Agoas queixosas  
 Seus lageados cárceres accusão.  
 O marmore fastoso a relva ultraja,  
 E tosquedas arvores cativas  
 Os idosos salgueiros desapossão  
 Da margem linda, e cara. Ah! suspendei-vos :  
 Barbaros ; acatai esses lugares ;  
 E vós, oh rio, oh bosques deleitosos,  
 Se a vossa formosura hei retratado,  
 Se, adolescente ainda, alegres versos  
 A's agoas, prados, sombras já tecia,  
 Ministrai longamente, oh rio, oh bosques,

Ao vosso possessor a doce imagem  
Da paz sagrada que em sua alma reina.

Quanto na molle agilidade o rio  
De margem angular teme a aspereza,  
Tanto as margens agudas ornamento  
São de estendidos lagos, e o mais bello.  
Ora se avance a Terra ao seio undoso,  
Ora abra ás ondas domicilio fundo.  
Com revezado amor assim se chamem,  
Se busquem mutuamente Agoas, e Terra:  
Nesres varios aspectos folga a vista.

A comprida extensão n'um lago se ama;  
Da-lhe sitios, comtudo, em que repouse.  
Não se lhe interrompendo a immensidade,  
Meus olhos sem prazer, sem interesse  
Vão pela superficie escorregando.  
Para lhe abreviar o espaço insulso,



Edifício, das calmas venerado,  
Nas ondas reperindo, assome ao longe;  
Ou Ilha que verdeje entre eilas surja:  
As Ilhas são das agoas summo adorno.  
Ou levanta-lhe as margens, ou viçosas  
Arvores, em festões dispersos, ganhem  
Tua contemplação, teus olhos prendão.  
Se queres produzir opposto effeito,  
Se o lago estender queres, manda ás margens  
Mui subidas, que desçam, e ou distancia  
Mais arredada os arvoredos tenham,  
Ou faze com que as agoas vão sumir-se  
N'um denso bosquezinho, e que tornêm  
Ao pé de huma colina. O pensamento  
Por entre estas cortinas de verdura,  
Onde desaparecem, vai seguindo  
As agoas, e as prolonga. Assim teus olhos  
Gozão do que não vem: dest'arte o Gosto  
Lindezas, perfeições confere a tudo:

E de objectos que inventa, e dos que imita  
 Descobre, alonga, aperta, esconde o termo.

Agora que a Arte o meu trabalho insulta  
 Em soberbos jardins, nos meus, ditosos,  
 Liberdade, e prazer tudo respira:  
 Rindo-se a relva, a seu sabor viceja,  
 Independente o bosque, altêa a rama;  
 Não temem a tisoira as arvores,  
 Nem flores a esquadria; amão as ondas  
 As margens suas, seu adorno a Terra;  
 Tudo he formoso alli, simples, e grande,  
 Tudo: esta arte he a tua, oh Natureza.

Porém o lago, o rio estão desertos,  
 De Cidadãos se lhe povôe o seio.  
 Dem-se-lhe as aves, que côm agil remo  
 Alados navegantes, a agoa fendem.  
 Nella se pavonêa, e nada o Cysne,

De vanglorioso cóllo, argêntea pluma,  
 O Cysne, a que a Ficção deo vóz tão doce;  
 E que escusa das Fabulas o auxilio.

Tambem não tens para animar as agoas,  
 Oh Arte, esse apparato vacilante  
 Dos mastros, e das vélas? Impelida  
 De remo compassado, a leve barca  
 Deixa apenas, fugindo, hum tenue rasto;  
 Que logo se ésvaece. Entumecido  
 Dos Favonios azuis, sussurra o pano,  
 E em cada bandeirinha os ares brincão.

Pois se a Novela, a Fabula, ou a Historia  
 Huma fonte, hum ribeiro consagrãáo,  
 Da sua gloria antiga elles ufanos,  
 Assás se aformosêáo, se ataviáo  
 Com suaves memorias. Ah! Quem pôde,  
 Descobrir, encontrar, sem commover-se,

Arethusa, o Lignon, Alfêo? Quem pôde  
Sem cordial saudade olhar Vaclusa?

Vaclusa, encantamento irresistivel

Dos Vates, e inda mais dos Amadores,  
No circulo de Montes, que, encurvando  
Sua cadeia, com liquor sadio

Te alenta a subterranea, doce origem,  
Lá debaixo da abobada nativa,

Do antro mysterioso, onde, esquivada

A Nympfa tua aos olhos cubiçosos,

Sóme em fundo insondavel teu principio,

Oh quanto me foi grato o ver-te as agoas.

Que, sempre cristalinas sempre bellas,

Ora n'um lago seus thesoiros fechão,

Ora sobem, fervendo, e lanção fóra

Ondas, a branquejar por entre as penhas;

De cascata em cascata ao longe pulão,

Cahem, e rólão com impeto estrondoso;

A cólera depois amaciando,

Por leito mais igual vão docemente;  
 E debaixo de Ceos sempre azulados  
 Por cem canais fecundão valle ameno,  
 Ameno qual nenhum que os Sóes aclarão!

Mas estes puros Ceos, estas correntes,  
 Este delicioso, e pingue valle,  
 Menos o coração me penhoravão  
 Do que Petrarca, e Laura. Eis (eu dizia,  
 Eu dizia a mim mesmo) ah! Eis as margens  
 Que a lyra de Petrarca suspirosa  
 Out'ora enfeitiçou! Aqui o Amante  
 Via, exprimindo a Laura os seus amores,  
 Vir devagar o dia, ir-se depressa.  
 Inda sobre estas rôchas solitarias,  
 Inda, acaso, acharei das cifras de ambos  
 Unidos, inaviosos caractéres?  
 Tocão meus olhos desviada Gruta:  
 Ah! dize-me se os vistes venturosos,

Guarida opáca? (eu pronuncio) Hum tronco  
Toldava encanecido á fonte a margem?  
Lauã dormindo havia á sombra delle.  
Alli por Laura perguntava aos Ecos,  
E os Ecos o seu nome inda sabião.  
Buscaveis, olhos meus, Petrarca, e Laura  
Em toda a parte, e em toda a parte os vieis.  
Erão já morte, e cinza os dois Amantes,  
Mas inda com seus Manes amorosos  
Mais bello se tornava o sitio bello.

*Fim do Canto III.*



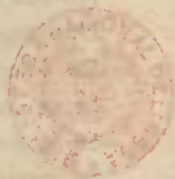
# OS JARDINS,

P O E M A.

---

CANTO QUARTO.

---



**D**OS campos o espectáculo não posso,  
Não posso abandonar; e quem se affoita  
A ter em pouco o objecto de meus cantos?  
Elle inspirava de Virgilio a Musa,  
Seduzia a de Homero. Homero, aquelle  
Que de Achilles cantou a horrivel sanha,

Que nos pinta o Terror jungindo os Brutos ,  
No dardo voador silvando a Morte ,  
O embate dos escudos , o tridente  
Do equòreo Numen abalando as torres ;  
Esse Vate immortal , de Esmyrna o Cysne  
Se apraz de matizar o horror da Guerra  
Com bosques , prados , montes : na frescura ,  
No riso destes quadros tão suaves  
Desafoga os pinceis ; e quando apresta  
De Thetis para o Filho arnez terrivel ;  
Se os combares , e os sitios nelle grava ,  
Se mostra o Vencedor de pó coberro ,  
Se apresenta o Vencido envolto em sangue ,  
Biril afagador depois movendo ,  
Traça a vinha , os rebanhos , selvas , pastos.  
Vestido o Heróe destas imagens doces ,  
Parte , e leva por entre hofrendas Turmas  
A innocente vendima , e ricas messes.



A teu estro sempar, Cantor divino,  
 Cabe reger as marciais Phalanges:  
 He reger os jardins meu brando emprego.  
 Já minhas leis conhece a dócil Terra:  
 Ei-la relvosa; no tapete alegre  
 A Mãi das flores lhe entornou seus mimos,  
 E arvoredos croarão rochas, agoas.  
 Para gozar destes brilhantes quadros,  
 Agora em campos, que discorre a vista,  
 E por baixo de abobadas escuras,  
 Gratos caminhos abritei. Mil scenas  
 Criará minha vóz por toda a parte;  
 As artes guiarei para adornallas:  
 E o divino Cinzel, e a Architectura  
 Nobre, insigne, hão de emfim destes lugares  
 Encantadores completar o ornato.

De nossos passos engenhosas guias,  
 Aos olhos os jardins patenteando,

As ruas devem , pois , agraciallos.  
 Nós recentes , porém , não se abráo ruas ,  
 Nas findas plantações melhor se escolhem.  
 Aos mais lindos aspectos as dirige.  
 Repara como , se aos Esrranhos mostras  
 Do teu trabalho os fructos , como destro  
 Buscas o bello , o que não presta eviras ;  
 Sítios formosos , ao passar , lhe apontas ,  
 Lhe guardas para a volta outras bellezas ,  
 O prendes , o enterrens de pasmo em pasmo ,  
 Em scena que nascer faz outra scena ;  
 E assim satisfazendo , ou provocando  
 Sempre os desejos seus , não poucas vezes  
 Retardas seu prazer para espertallo.  
 Os teus passeios a ri proprio imitem.

Foge , foge , tambem , nas fôimas delles  
 Os filhos do máo Gosto , os váos systemas ;  
 Pela moda abraçados. Lá no campo ,

Como cá na Cidade, a móda reina.  
 Quando a ordem symmettica, e pomposa  
 De Italicos Jardins luzio na França,  
 Tudo se deslumbrou, cegou-se tudo  
 Com esta arte fulgente. Huma só planta  
 Não negou ao cotel obediencia:  
 Em toda a parre se alinháráo todas;  
 De hum lado, e de outro lado enfileiradas,  
 Alamedas eternas se estendêráo,  
 Veio outro tempo enfim, veio outro gosto.  
 De bellezas mais livtes avisárão  
 Aos Francezes Jardins, Jardins Britannos.  
 Só linhas ondeantes, e passeios  
 Só tortuosos desde então se virão.  
 Fatto de vaguear, de balde o termo  
 Esrá fronteiro a mim: cumpre que ainda,  
 Cumpre que, a meu despeito, erre, serpêe?  
 Que, impottuno artificio praguejando  
 Mil, e mil vezes, sem cessar procure

Hum fim, que sem cessar de mim se aparta.  
 Isto evita: os excessos durão pouco.  
 Destes varios caminhos cada especie  
 Tem seu lugar. Hum me conduz a vistas  
 Pasmosas, que de longe os olhos fixão,  
 Nutrem a expectação; outro me sòme,  
 Nessas mudas estancias, que parece  
 A algum fim, de proposito, velãra  
 Arte mysteriosa; mas tornemos  
 Natural o facticio labyrintho,  
 E não capricho, precisão se antolhe.  
 Diversos accidentes, encontrados  
 Pelo caminho seu; agoas, e bosques,  
 Como igualmente o chão, devem regello.  
 Se quero huma feliz docilidade  
 Na fôrma sua, se a tristeza odeio,  
 E insipidez de alinhamentos longos,  
 Mais deiesto hum passeio embaraçado,  
 Que, de ferida serpe à semelhança,

Em convulsivas roscas se entrelaça,  
 Com gyros duplicados cansa, enjoa,  
 E ríspido, uniforme, caprichoso,  
 O terreno atormenta, e passos, e olhos.

Ha curvas naturais, ha torcicólos,  
 De que ás vezes os campos dão modelo.  
 Do carro a roda, a pista dos rebanhos,  
 Que em passo negligente a Aldêa buscão;  
 A Pastorinha, que, no prado abstracta,  
 Vai talvez entreterendo a fantasia  
 Em visões amorosas: isto ensina  
 Rodeios mollemente volteados.  
 Longe, pois, os contornos angulares,  
 Longe de teus passeios, mais ainda  
 Quando ao fim te encaminha hum longo gyro.  
 Co' prazer galardõe-se a fadiga.

A arte se imite dos Poetas grandes;

Releva, que ouses tanto. Se alta Músa;  
 Andando, algum desvio a si permite,  
 Mais que o caminho a digressão me agrada,  
 Niso o seu doce Eutialo defende,  
 No sepulcro de Heitor a Esposa geme.  
 Assim teu attificio me extravie  
 Por grãtas illusões, assim alegre  
 Com risonhos objectos a passagem;  
 Tocando o termo, indemnizado eu fique  
 Da extensão que soffri, meus olhos gozem  
 Aspectos singulares, episodios  
 De vivente Poema. Além me chamão  
 Verdes, propicias grutas, onde sempte  
 A frescura, o silencio, as sombras morão.  
 O pensamento alli precede aos olhos.  
 Mais longe vitreo lago o Ceo reflecte,  
 E confusa acolá, como fugindo,  
 Assoma perspectiva immensa, e nobre.  
 A's vezes bosquezinho alegre, ameno,

Mas em si recolhido , e ricamente  
 Por ti , e a Natureza adereçado ,  
 De flores , e de sombras abundante ,  
 Parece que te diz : “ detem-te : ah ! onde  
 Podes estar melhor ? , Sùbito a scena  
 Se altera : eis em lugar de gostó , e riso ,  
 Paz , e melancolia , eis o repouso ,  
 Eis a grave mudez , onde se embebe ,  
 Onde a mēditação se alonga , e pasce.  
 Lá com seu coração conversa o Homem ,  
 Attenta no presente , entra o futuro ,  
 Da carreira vital nos males pensa ,  
 Pensa nos bens , e recuando a vista  
 Ao tempo que voou , se apraz às vezes  
 De perceber no circulo dos dias  
 Esses poucos instantes , ai ! Tão caros ,  
 Tão curtos ! Essas flores n’um deserto ,  
 Essas quadras da vida , a que lhe apontão  
 Saudades do prazer , e até da magoa .

Teme, pois, imitar os que atavião  
 Friamente os jardins, os que só querem  
 Objectos festivos, e lisonjeiros.  
 Nada em suas paizagens he sublime,  
 Nada atrevido: tudo são latadas,  
 Tudo elegantes bosques: sempre flores,  
 Sempre o Templo de Flora, ou dos Amores:  
 A alegria monótona aborrece.  
 Sahe tu desta commum, cansada trilha;  
 Contrastes imagina interessantes,  
 E affoito os aventura. Entre si podem  
 Encontrados effeitos socorrer-se.  
 Eia, segue o Poussin. Elle apresenta  
 Em campestre festejo alvas Serranas,  
 Robustos Aldeãos, bailando á sombra  
 Dos ulmeiros frondosos, e alli perto  
 Impressas vozes taes sobre hum sepulcro:  
 “ Já fui, já fui tambem Pastor da Arcadia  
 Este painel dos gostos voadores,



Do nada da Existencia, está dizendo,  
 Ou parece que diz: „ Mortais, cuidemos  
 Em lograr, tudo vai desvanecer-se;  
 Jogos, danças, Pastores. „ Dentro n' alma  
 Ao jubilo vivaz, alvoroçado  
 Mansa tristeza por degrãos succede.

Imira estes effeitos. Não receies  
 Em quadros ledos pôr sepulcros, e urnas,  
 Monumento fiel das magoas tuas.  
 Ah! Quem não tem chorado alguma perda  
 Rigorosa, cruel! Eia, associa,  
 Longe do Mundo leviano, e cego,  
 Os bosques, agoas, flores com teu pranto.  
 Vem hum amigo em tudo Almas sensiveis:  
 Já co'as sombras pacificas se curvão  
 Para abraçar a campa, onde suspiras,  
 O Teixo, o agudó Pinho, e tu, Cipreste,  
 Das cinzas protector, leal aos Mortos.

Teus ramos, que afeiçoão genios tristes,  
 Deixão a gloria, o gosto ao Louro, ao Myrto;  
 Do Guerreiro, do Amante a venturosa  
 Arvore tu não es, porém teu luto  
 Compadece-se, e diz co'as nossas penas.

Em todos estes monumentos nada,  
 Nada de apuros váos. Aliar pôdes  
 Acaso, ante estes lugubres objectos  
 A arte co'a dor, e co'a riqueza os campos?  
 Longe principalmente o fingimento,  
 Longe tumulo falso, urnas sem magoa,  
 Que o capricho formou; longe as estatuas  
 De animal ladrador, de ave nocturna:  
 Isso profana o luto, insulta as cinzas.

Ah! Se as de algum amigo alli não honras,  
 De envelhecidos Teixos lê debaixo  
 Não vês a sepultura onde esconder-se

Hão de ir aquelles, que, por ti curvados,  
Por ti snando sobre ingratos sulcos,  
No seio da indigencia a morte esperão?  
Pejo de ornar-lhes o sepulcro humilde  
Terás acaso! He certo, que não podes  
Gravar illusres aventuras nelle.  
Desde o incerto crepusculo, em que os chama  
Ave madrugadora a seus trabalhos,  
Té ao serão em que a familia tenra  
Com elles vai sentar-se ao lar, que estala,  
Em paz e em lida igual seus dias correm.  
Nem guerras, nem tratados os distinguem:  
Nascer, soffrer, morrer, eis sua historia.  
Mas o seu coração ah! não he surdo  
Da memoria ao rumor. E qual dos Homens  
No momento fatal da ausencia eterna,  
Qual se não volve, e tristemente alonga  
A vista pelos campos da Existencia?  
Não tem, na idéa de deixar saudades

Algum gosto, e dos olhos de hum amigo  
 Não espera huma lagrima? Epitafios  
 Para adoçar-lhe a vida, a morte lhe honrem.  
 Aquelle, que, maior do que a Fortuna,  
 Servio seu Deos, seu Rei, familia, patria,  
 E o pudor imprimio no rosto á filha,  
 Merece que de pedra menos bruta  
 A campa se lhe dê: suas virtudes  
 Contem-se alli, e as lagrimas da Aldêa;  
 Gravem-lhe sobre a lousa: “ aqui descansa  
 O bom filho, o bom pai, e o bom consorte. “  
 Encanto involuntario ha de mil vezes  
 Teus olhos attrahir ao sacro sitio.  
 E tu, que estás cantando, antes carpindo,  
 Debaxo destas Arvores piedosas,  
 Tu, primeiro que as deixes, Musa minha,  
 Suspende em oblação tua grinalda  
 Na rama veneravel. Muito embora  
 Outrem celebre em verso a Formosura;

Nos gostos engolfada a Musa de outrem  
 Da cabeça jámais deponha o myrto ;  
 Télas trajando , fulgurantes de oiro ,  
 Só da meiga alegria entôe os hymnos :  
 Verso consolador tu dás ás cinzas ,  
 E primeiro que as outras a mão tua  
 Algumas flores sobre as campas sóta.  
 Para baixo de sombras prazenteiras  
 Voltemos , que he já rempo. A Architectura  
 Em selvoso lugar inda me espera

Para adornallo de edificios bellos.  
 Já não do luto os monumentos tristes ,  
 Mais eis gostosos sitios , que em mil faces  
 Entre a verdura seu primor offertão.  
 O uso , porém , lhe approvo , e tolho o abuso.

Desterra dos jardins monrão sem ordem ,  
 De edificios diversos , essa pompa

De perdulária moda: os Obeliscos,  
 Rótundas, e Kioskos, e Pagodes;  
 Esses cáhos de ingrata Architectura,  
 Romanos, Gregos, Arabes, Chinezes;  
 Esterilmente profusão fecunda,  
 Que o mundo inteiro n'um jardim concentra.

Não procures tambem ocioso ornato,  
 Antes disfarça em util o aprazivel.  
 De seu Senhor rhezoíro, e seu recreio,  
 A Herdade exige campezino adorno.  
 Lares que sobre o campo ergueo o Orgulho,  
 Magnifico Solar não a desdenhe;  
 As riquezas lhe deve, e delle ao fausto  
 Sobresahe tanto a singeleza della,  
 Quanto de Armida aos artificios todos  
 Sorriso ingénuo de açanhada Virgem.  
 A Herdade! A este nome Hortos, colheitas,  
 O pastoril Reinado, o emprego doce,

Os innocentes bens dos aureos tempos ;  
 Cujas meigas imagens enfeitição  
 A infância, que he na vida a idade de oiro ;  
 E tanto a infancia minha enfeitiçarão ;  
 Isto, ah ! Isto, que idéas, que saudades  
 Dentro do coração me não desperta !  
 Vem, já das aves tuas oiço o canto ;  
 Já chião carros, da abundancia ao peso,  
 Que as tulhas te demandão, e a compasso  
 Cabe o instrumento que debulha os trigos.

Orna, pois, o teu predio, mas com tanto  
 Que, pródigo em palacio o não convertas.  
 Por seu character simples, e elegante  
 Entre os Jardins, ou Quintas he a Herdade  
 O mesmo que entre os versos he o Idyllio.  
 Pelos Numes dos campos, ah ! desvia  
 O luxo audaz deste lugar modesro,  
 Desvia-o sempre ; de occultar não trates

Nem os lagares teus, nem teus celeiros ;  
 Ver quero o trem das ceifas, das vindimas,  
 Ver o crivo, a joeira, onde co'a palha,  
 O grão doirado salta, e recae puro ;  
 A grade, o trilho, tudo o mais da Granja,  
 Sem pejo aos olhos meus se manifestem ;  
 Mórmente de animais o móbil quadro  
 Lhe dê por dentro, e fóra hum ar vivente.  
 Não vemos do solar o adorno estéril,  
 A graça inanimada, a immovel pompa :  
 Debaixo destes tectos, nestes muros  
 Tudo está povoado, e tudo he vivo.  
 Que aves, diversas pela vóz, e instincto,  
 Que no abrigo da telha, ou colmo habitão,  
 Republica, Nação, Família, Reino,  
 Me enrretem com seus brincos, seus costumes !  
 Eis á frente de todas gyra o Gallo,  
 O Gallo, feliz chefe, e pai, e amante,  
 Que, Sultão sem molleza, distribue



Pelo Serralho aligero a ternura ;  
 Une ao jus do valor o da belleza ,  
 Impera carinhoso , altivo afaga ;  
 Para mandar , para gozar nascido ,  
 Nascido para a gloria , ama , combate ;  
 Triunfa , e logo seus triunfos canta .  
 Ha de aprazer-te o ver como elles brincão ;  
 Como contendem ; seu amor , seus odios ,  
 E até sua comida . Assim que assoma  
 Com a teiga nas mãos a Dispenseira ,  
 De repente a Nação voraz , e leve  
 Vôa daqui , dalli , de toda a parte  
 Em turbilhão ruidoso , e quasi a hum tempo :  
 O sôfrego tropel junto á que o ceva  
 Subito fórma hum circulo apinhado ;  
 Ha tais que , sempre expulsos , tornão sempre ,  
 Perseguem o comer , e até na palma ,  
 Affeitos Parasitos , vem furtallo .

Este Povo domestico protege ;  
 Não soberbos, mas são seus pousos sejão.  
 Decoradas estancias que lhe prestão ?  
 Marmóreos bebedoiros, e aureas grades ?  
 Mais lhe apraz, muito mais, hum grão de milho.  
 Já la Fontaine o disse. Oh la Fontaine !  
 Oh Sabio verdadeiro, eras lucroso  
 Neste lugar ! Cantor feliz do instincto,  
 Melhor te inspiraria aqui o olhallo.  
 Fofa o Pavão de assoalhar seu Iris,  
 A inchação do Peru, mais louco ainda,  
 Teus pinceis alegrára á nossa custa.  
 Viras aqui dos Pombos teus a imagem ;  
 De dois Gallos amantes a discordia  
 A dizer outra vez te obrigaria :  
 “ Tu dertubaste, Amor, de Troia os muros ! ”  
 Dest'arte nos apraz, e attrahe a Herdade.

Mas em outra prizão que vulgo fere

Por incognitos sons os meus ouvidos ?  
 Estranhos animais alli se guardão ,  
 Maravilhas dos olhos, alli vivem  
 N'um suave desierro encarcerados  
 Brutos da Terra , do Ar , e hum d'outro pasmão.  
 Extravagantes castas não procures ,  
 Prefere o que he mais bello ao que he mais raro.  
 Mostra-nos aves n'outros Ceos çriadas ,  
 Que , validas do Sol , seus lumes vibrão ;  
 Da Indiana Galinha o vivo esmalte ,  
 E o oiro do Faisão purpureado.  
 Aves de ostentação melhor se alojem ;  
 Ellas mesmas são luxo , e co'a belleza  
 Já que a inutilidade ellas compensão ,  
 Brilhe a prizão como os cativos brilhão.  
 Rebeldes animais , porém , não tenhas ,  
 Cujoo orgulho se irrita , e cansa em ferros.  
 Quem pôde ver sem magoa o Rei dos ares ,  
 O passaro feroz , que andou folgando

Lá por entre o trovão, por entre o raio,  
 Quem pôde vello na gaiola indigna  
 Esquecer o relampago dos olhos,  
 Dos vãos a altivez! Livre de novo,  
 Na abobada dos Ceos ao Sol se atreva:  
 Nunca pôde agradar Ente aviltado.

Mas com seu lustre peregrino em quanto  
 Parece que estes hospedes diffrentes  
 A' minha escolha, á preferencia aspirão,  
 O olfato me convida a aquelles tectos,  
 Onde, do patrio chão também roubados,  
 Estranhos Vegetais o vidro ampara.  
 Tu cerca de ar macio as debeis plantas,  
 Mas venera estações, vencendo climas;  
 Não forces a brotar na Quadra fêa  
 Bens que a bons tempos Natureza guarda.  
 Deixa aos Paizes de atutado Inverno,  
 Deixa embota essas flores, esses fructos,

De falsa Primavera , e falso Estio ;  
 Certo de que ha de o Sol madurecellos ;  
 Sem violentar seus dons , seus dons espera .  
 Mas folgo em ver no transparente abrigo  
 Prendas diversas de diversas plagas .  
 Os Ibéros jasmims alli se animão ,  
 Friorenta congorça esquece a Patria ,  
 Tenro ananás pelo calor se engana ,  
 E usurpado thesoiro em si te entrega ,  
 Talhe a Razão teus edificios varios ,  
 De flores , e animais formoso hospicio ,  
 Oh quantos , quantos mais , que o sitio abraça ,  
 Que approve o gosto , recrear-nos podem !  
 A sombra desses humidos salgueiros ,  
 Humidos com sadia agoa corrente ,  
 Seja do banho o solitario asylo .  
 Além cabana , em que a frescura assistè ,  
 Offerte ao Pescador linhas , e redes ,  
 Não vês a mansidão deste Retiro ?

Doce acolheita alli consagro ás Músas.  
 No seio florecido, e magestoso  
 Alli sómente hum obelisco ordeno:  
 Aos ares sóbe o monumento augusto;  
 E lavro sobre a pedra enternecida:  
 “ A nossos destemidos Mareantes,  
 Que pela patria voluntarios morrem. „

Assim teus variados edificios  
 Nem desertos serão, nem ociosos.  
 Com seu lugar se ageitem massa, e forma;  
 Cada qual se coloque onde releva,  
 E não se perca, não destrua a scena  
 Por sobeja extensão, por muito aperto.

O que empece ao character, e utiliza  
 Sabe, pois: hum recanto quasi occulto  
 Lá bem n'um descampado, he que nos pinta  
 Melhor o desamparo, a soledade.

Sempre á cada expressão fiel te mostra ;  
 Hum Ermo a grande luz não patenrees,  
 Nem selva carrancuda esconda hum Templo :  
 Do Monte sobre a espádoa quer ser visto.  
 Movimento , esplendor , grandeza , e vida  
 O aerio sitio pelo quadro espalha.  
 Julgo hum aspero olhar da bella Ausonia.  
 Esta dos Edificios , esta a graça.

Mas de tais monumentos a alegria ,  
 Luxo moderno , e fresca mocidade  
 Valem de antigos restos a velhice ?  
 Desses aqui , e alli dispersos corpos  
 O já desordenado , e grão volume ,  
 A fôrma pictoresca enlaça a vista.  
 Por elles sobre a terra esrá marcada  
 Dos Evos a carreira , e , destruidos  
 Pelos Vulcões , ou Tempestade , ou Guerra ,  
 Instruem sempre , alguma vez consoláo.

Sim, estas massas, que tambem da Idade  
 Cedem ao pezo, como nós cedemos,  
 A' derrota geral nos habituão,  
 E a perdoar á Sorte. Assim Carthago  
 Sobre os desfeitos muros n'outros tempos  
 Mário vio infeliz, e estes dois restos  
 Tão grandes entre si se consolavão.

Aproveita ruinas venerandas.  
 E tu, que os passos meus tens variado  
 Pelos selvosos campos, tu, que, longe  
 Das vulgares estradas, vás dictando  
 Leis aos jardins, oh Poesia amavel!  
 Oh Irmã da Pintura! A monumentos  
 De longa idade restitue a vida;  
 Presenta ao gosto os ricos accidentes,  
 Que o Tempo desenhou co'a mão remissa.

Huma antiga Capela ora apparece,



Modesto, e santo Asylo, onde algum dia  
 Hião em tosco Altar, na quadra nova,  
 As Donzelas, e as Mães, e os seus Filhinhos  
 A bem das messes implorar o Eterno.  
 Consagra inda o Respeito estas ruinas:

Ora avulta acolá Castello annoso,  
 Em fragosos cabeços, que, Tyranno  
 Do Territorio, e dos Vassallos medo,  
 Co'as ameias aos Ceos arremettia;  
 Que em tempos de terror, discordias, sangue,  
 Vio lançadas mortais, vio gentilezas  
 De nossos invenciveis Cavalleiros,  
 Os Baiards, os Henriques: hoje o trigo  
 Sobre os fragmentos seus lourêa, e treme.  
 Esta triste, forçosa Architectura,  
 Cingida de verdor fresco, e risonho,  
 As esplanadas, e angulos, e torres,  
 Rotas, quasi abatidas, onde as aves

Dos amores em paz o fructo aquecem ;  
 Os gados povoando estes guerreiros ,  
 Recintos taçanhosos , e o Menino ,  
 Q'onde os Avós já guerrearão , brinca ,  
 Fórna tudo isto singular constraste.  
 Delle te apóssa , dando aos olhos quadro  
 Duro , e brando , campestre , e belicoso.

Mais ao longe hum Mosteiro abandonado  
 Entre arvoredos subito se encontra.  
 Que silencio ! Amadora dos desertos ,  
 Com gosto alli , Meditação , te entranhas  
 Por baixo das abóbas sagradas ,  
 Por onde austeras Virgens , algum dia  
 Como as turvas alampadas , que velão .  
 Ante a Religião , tambem velavão ,  
 E descarnadas , pálidas , ardião  
 Por Deos , e enfim , por Deos se consumião.  
 Santa contemplação , paz , innocencia ,

Como que ainda este silencio occupão !  
 Musgosos muros , o Zimborio , as Torres ,  
 Os arcos deste Claustro escuro , e longo ,  
 Destes Altares o degráo roçado  
 Do supplice joelho , os vidros negros ,  
 O sombrio , e profundo Santuario ,  
 Onde , escondidamente desgraçadas ,  
 Almas honve , talvez , que de seus laços  
 A's inflexiveis Aras se carpissem ,  
 E por doces memorias inda frescas  
 Algum medroso pranto ao Ceo furtassem :  
 Tudo commove alli , tudo alli falla.  
 Alli cevando a mente em soledade ,  
 A's vezes cuidarás , ao pôr do dia ,  
 Que de alguma Heloisa a Sombra geme ;  
 Que as lagrimas , que a dor , que os ais lhe sentes.  
 Logra , pois , estes restos de alto preço ,  
 Témos , augustos , pios , ou profanos.

Mas longe os monumentos , cujo estrago  
 Do fingimento he filho , e mal imita  
 Do Tempo as impressões inimitaveis :  
 Esses antigos Templos , fabricados  
 Inda ha pouco , as reliquias de hum Castello  
 Que jámais existio , Pontes idosas ,  
 Que hontem nascêrao , Torreão dos Godos ,  
 Que , roto , e gasto , não parece antigo ;  
 São artificio inutil , e grosseiro.  
 Fitando-lhe a attenção , se me figura  
 Que vejo hum moço arremedando hum 'velho ,  
 Despindo as graças da amorosa idade ,  
 Sem que retrate da velhice as rugas ;  
 Mas estrago real dá pasto aos olhos.  
 Restos , que já contemporaneos fostes  
 De nossos bons , e simplicis Maiores ,  
 Gosta meu coração de interrogar-vos ,  
 E gosta de vos crer. De novo a Historia  
 Estudo em vós dos Tempos , e dos Povos.

Quanto esses Povos mais famosos forão ;  
 E quanto mais famosos esses Tempos ,  
 Tanto mais nesses restos fico absorto.

Campos de Italia ! Oh Campos d'alta Roma !  
 Onde jaz , por fatal , e horrivel quèda ,  
 Com todo o seu orgulho o Nada do Homem ?  
 Ahi he que ruinas , afamadas  
 Por grandes nomes , por memorias grandes ,  
 Dão sublimes lições , aspectos graves ,  
 Thesoiros que as paizagens enriquecem..  
 Vê como , cá , e lá , por toda a parte  
 A rapidez dos Seculos tremendos ,  
 Das Artes os prodigios destroçando ,  
 Sepulcros arrojou sobre Sepulcros ,  
 Hum Templo derribou sobre outro Templo.  
 Olha as Idades blasonando ao longe  
 Co'a ruina immortal da excelsa Roma.  
 Os pótticos , e os arcos , ( onde a Pedra

Em carácter fiel, conserva ainda  
 Do Povo Rei magnânicas proezas ),  
 Pórticos, e arcos tem cansado os Tempos,  
 Ondas suspensas por aqui bramirão,  
 Por baixo destas pórtas dilaradas  
 Os despójos do Mundo hião passando.  
 Esparzidos estão, no pó confusos  
 Por toda a parte, os Termes, os Palacios,  
 Os Sepulcros dos Cesares, em quanto  
 De Virgilio, de Ovidio, Horacio, e de Outros  
 Inda grata Illusão nos finge o rasto.  
 Oh tres, e quatro vezes venturoso  
 O Artista dos Jardins! Feliz quem pôde  
 Destes restos divinos apossar-se!  
 Já lhe vai surdamente a mão do Tempo  
 Ajudando as tenções; já sobre pompas  
 Dos Senhores do Mundo, a Natureza  
 De recobrar os seus direitos fólga:  
 Lá onde o Domador dos Reis, lá onde

Campeava Ponipèo com fasto immenso ,  
 Agora dos Pastores se ouve a flauta ,  
 Como nos dias do tranquillo Evandro.  
 Vê rir os campos que ao Cultor volvêrão ,  
 E relvar os cabritos sobre os tectos ,  
 E Obelisco arrogante além cahido :  
 Olha abraçado co'a columna aliiva  
 O humilde espinho; as Arvores, as Plantas,  
 Subir, baixar em mil festões, mil cachos:  
 Aquella que Minerva aos Homens trouxe ,  
 E a Figueira, pelo hálito dos ventos  
 Por entre estes estragos semeadas ,  
 Acabão de abalar co'a raiz branda  
 As veneraveis Obras dos Romanos;  
 A torta vide, a hera, de cem braços,  
 Emtomo das ruinas serpeando ,  
 A modo que desejão, que procurão  
 Recatar-lhe a velhice, ou guarneçella.

Se não tens estes restos estupendos,  
 Terás, sequer, os animados Bronzes,  
 Terás os Numes das Idades mortas,  
 Em que Arte divinal forçava os cultos?

Quiz dos Jardins, bem sei, Gosto severo  
 Lançar todos os Deoses dos Romanos,  
 Dos Gregos; mas porque? Nossas infancias,  
 Em Athenas, em Roma cultivadas,  
 Sua doce magia exprimentarão.  
 Estes Numes Agrícolas não erão?  
 Não Pastores? Porque has de, pois, tolher-lhes  
 Os bosques, os vergeis? Podem teus fructos  
 Rebentar sem auxilio de Pomona?  
 Ou te he dado expellit do Imperio Flora?  
 Ah! sempre essas Deidades nos encantem:  
 Das Artes inda he culto a Idolatria;  
 Mas haja perfeição, primor na escolha.  
 Não queiras nos jardins improptios Deoses,



Elles sem magestade , ellas sem graça.  
 Elege a cada qual assento idóneo ,  
 Seus direitos nenhum ao ontro usurpe.  
 Deixa nas selvas Pan. Porque motivo  
 Co'as Driades estão Tritões , 'Nereidas?  
 De que serve este Nilo , em vão croado  
 De canas , e a mostrar do pó manchada  
 A urna , que he de passaros abrigo?  
 Fóra os Leões , e os Tigres : esses monstros  
 Té nas imagens suas me arripião ;  
 E os Cesares tambem , mais monstros que elles ,  
 Sentinellas horriferas das portas  
 De bordadas florestas , que , nojosos  
 Da suspeira , e do crime , inda parece  
 Com os olhos as victimas apontão.  
 Ao risonho lugar que jus tem elles?  
 Mostra-me Objectos que eu venere , eu ame ;  
 A' sua apotheóses sagra hum sírio ,  
 Elysios cria em que seus Manes folguem.

Longe de olhos profanos, sobre valles  
 De verdes murras, de cheirosos loiros  
 Honrem seus vultos marmore de Paros ;  
 Goste hum remanso de banhar tais selvas ,  
 E , mesclando co'a sombra os dubios lumes ,  
 Seja Diana affavel o Astro dellas.  
 Dos virentes docéis a formosura  
 Sobre as queridas , candidas Estatuas ,  
 Destes Homens egregios o repouso ,  
 A simples , a benigna magestade ,  
 Correntes sem rumor , como as do Lethes ,  
 Que para aquellas Almas tão serenas  
 Parece vão rolando o esquecimento  
 Da crua ingratição , e de outros males ;  
 Bosques , e o dia , entre elles expirando ,  
 Tudo respira a paz dos Manes ledos.  
 Tu não consagres , pois , senão tranquilas ,  
 Estremadas virtudes nesses campos.  
 Longe , longe os fatais Conquistadores ,

Verdugos , não Heróes : esses lugares  
 Turbarião talvez como turbarão  
 Este Mundo infeliz : ahí colóca  
 Os amigos dos Homens , e dos Deoses :  
 Os de que ainda benefícios vivem  
 Na fama , e tradição ; tambem Monarcas  
 De que o seu Povo não chorasse a gloria :  
 Mostra ahí Fenelon , mostra á saudade ,  
 E com Sully se abraçe Hentique o Grande.

Dá , dá-me flores , cobrirei com ellas  
 Os Sabios , que em longinquas , novas praías  
 Artes consoladoras demandarão ,  
 Artes consoladoras desparzirão.  
 E tu , primariamente , Heroe Britanno ,  
 Tu Cook , infatigavel , denodado ,  
 Que , acceito , e caro aos corações de todos ,  
 Unes co'a magoa teu Paiz , e a França ;  
 Que a essas Regiões , que aonde o raio

Ont'r' hora os Europêos annunciava ,  
 Util , novo Triptólemo , guiaste  
 O serviçal cavallo , a ove'ha , o toiro ,  
 O arado agricultor , e as pattias artes ,  
 Nossas furias , e roubos expiando.  
 Com doce paz fratetna lá surgias :  
 Prantos , e beneficios lá deixavas.  
 Recebe de hum Francez este tributo . . . ;  
 E á minha gratidão que importa o clima ?  
 Virtudes immortais do illustre Nauta  
 Nosso Concidadão já o fizerão ;  
 No grande exemplo o nosso Rei se imite ;  
 Digno de ser seu Rei. Ah ! que aproveita  
 Ao pasmoso Varão ter vezes duas  
 Visto os Mares de gêlo , os Ceos de fogo ,  
 Ter estes afrontado , e roto aquelles ?  
 Que as ondas , ventos , Povos o acatassem ;  
 Que em toda a vastidão do Pego immenso  
 Fosse immune , e sagrada a quilha sua ;

Que só com elle reprimisse a Guerra  
 Seu horrído furor? Do modo o Amigo  
 Ai! Morre ás mãos de barbaros Selvagens:

Oh vós, que lamerais seu fim cruento,  
 Da potente Albion soberbos filhos,  
 Imitai-lhe, que he reppo, a ambição nobre.  
 Porque em vossos iguais quereis escravos?  
 Dai-lhe fraternidade, e não cadeias.  
 Dos loiros triunfais cingida a fronte,  
 Dos loiros, que o Francez colheo de novo,  
 Té a mesma Victoria a Paz cobiça.

Desce, Prole do Ceo, Paz suspirada,  
 Doira este Globo, emfim, com teus sorrisos  
 Dos sitios, que eu cantei, requinta as graças;  
 Fórma hum Povo feliz de tantos Povos;  
 Aos campos abundancia restitue,  
 E restitue ás ondas o commercio:

Hajão da tua mão, propicio Nume,  
Os dois Mundos socego, as Artes vida.

*Fim do Canto IV.*

NOTAS  
DO  
PRIMEIRO CANTO.

---

(Pag. 2. vers. 18.)

Assumpto amavel, que tentou Virgilio, etc.

Vê se nas Georgicas, liv. 4., que a composição dos Jardins, de que fallão, he mui singela, e naturalissima, e que se acha nelles o util com o aprazivel: pômos, flores, hortaliças. Mas estes Jardins são os de hum ordinario Habitante dos Campos, Jardins, tais como, com hum gosto simples, quizera o Sabio ornallos, e cultivallos pela sua mão; tais como folgaria de os afôrmosear o amavel Poeta, que os descreve. Não tratou daquelles Jardins famosos que

o luxo dos Vencedores do Mundo: os Crassos, os Lucullos, os Pompèos, os Cesares, carregááo das riquezas da Asia, e dos despojos do Universo.

(Pag. 3. vers. 13.)

De Alcino o luxo, o gosto, ainda rude,  
Punha a curro Vergel módico enfeite, etc.

He hum monumento precioso da Antiguidade, e da historia dos Jardins a descripção que faz Homéro do de Alcino. Vê-se, que ella distava pouco do nascimento da Arte; que todo o seu luxo estava na symmetria, e ordem, na riqueza do chão, na fertilidade das arvores, nas duas fontes, de que era ornado: e todos os que quizessem jardim para gozar, e não para mostrallo, escusarião outro.



(Ibid. vers. 15.)

Eis com arte maior, mais sumptuosa  
Jardins nos ares Babylonia ostenta.

Parte desres Jardins suspensos ainda durava  
mil e seiscentos annos depois da sua creação;  
elles forão o assombro de Alexandre, quando  
entrou em Babylonia.

(Ibid. vers. 17.)

Os Latinos Heróes, de Marte os Filhos,  
Depois que Roma agrilhoava o Mundo,  
Davão repouso ameno á gloria, ao raio  
Em frescos hortos, que a victoria ornára:

Existe monumento inestimavel do gosto, e  
fórma dos Jardins Romanos em huma Carta de

Plínio Junior, e nella se lê que já então conheciam a arte de afeiçoar as arvores, de dar-lhe diversas figuras de vasos, ou animaes; que a Architectura, e o luxo dos Edifícios erão dos primarios ornamentos dos Parques; mas que todos tinham hum objecto de utilidade, objecto em demasia esquecido nos Jardins modernos.

(Pag. 11. vers. 6.)

Belcœil, a hum tempo  
Campestre, apparatuso, etc.

Belcœil, foi huma casa de recreio, ou quinta, do Principe de Ligne.

(Ibid. vers. 18.)

O amavel Tivoli, de fórma estranha  
A' França descobrio ténue modelo.

O local de Tivoli negava-se aos grandes effeitos pictorescos: mas Bountin teve o merecimento de colher delle a utilidade possivel, e principalmente de ser o que primeiro experimentou com bom exito o genero irregular.

(Pag. 7 vers. 2.)

Montreuil as Graças desenhârao rindo, etc.

Montreuil era hum bellissimo Jardim da Princeza de Guimené, na estrada de Paris a Versailles.

(Ibid. vers. 3.)

Maupertuis, le Desert, com que alegria,  
Rincy, Limours, etc.

Maupertuis. Este Jardim, conhecido pelo

nome de Elysio, pertenceo ao Marquez de Montesquiou. Se bellas agoas, soberbas plantações, aprazivel mixto de colinas, e valles, fazem hum sitio formoso, o Elysio he digno do seu amavel nome.

Le Desert. Este Jardim foi desenhado com muita graça por Monville.

Rincy. Este lindo Jardim foi do Duque de Orleans.

Limours. Este lugar, naturalmente inculto, foi mui aformoseado pela Condessa de Brionne, e perdeu parte da aspereza sem perder o caracter.

( Ibid. vers. 8. )

E parecido

Comtigo Trianon, Deosa, que o reges, etc.

O pequeno Trianon, Jardim da Rainha,

he modélo neste genero. Parece que a riqucza foi nelle empregada sempre pelo gosto.

( Ibid. vers. 12. )

Grato asylo d'hum Principe adoravel,  
 Tu, cujo nome de apoucada idéa, etc.

He o gracioso Jardim — Bagatela — composto com muita arte para o Conde de Artois, e que tem a vantagem de se achar no meio de Bosque aprazivel, que parece parte delle. O pavilhão he de huma elegancia rara. Não se poderão nomear neste Poema outros agradaveis Jardins, feitos alguns annos depois.

(Pag. 27. vers. 7.)

A arte os prometta, os olhos os esperem,  
Dá quem promette, quem espera goza.

Este ultimo hemistichio vem n'uma Epistola de Saint Lambert; a reminiscencia o introduzio neste Poema.

(Pag. 28 vers. 3.)

Entre Kent, e le Notre eu não decido, etc.

Kent, Architecto, e famoso Desenhador em Inglaterra, foi o primeiro que tentou felizmente o genero livre, que principia a lavar por toda Europa. Os Chinezes são sem dúyida seus inventores.

(Pag. 32. vers. 14.)

Attenta em Milton, etc.

Muitos Inglezes querem que esta bella descripção do Paraiso Terreal, e alguns lugares de Spencer, dessem a idéa do Jardim irregular; e posto que he provavel, como já se disse, que este genero venha dos Chins, o Author antepoz a authoridade de Milton como a mais poetica. Além disso, julgou que se olharia com gosto a magnificencia toda do maior Rei do Mundo, todos os milagres das Artes em opposição com os feitiços da Natureza recente, com a innocencia das primeiras Creaturas que a aformosearão, e com o attractivo dos primeiros amores. Não traduzio, nem tão pouco imitou Milton, que devia, e podia descrever mais longamente o Eden.

NOTAS  
DO  
SEGUNDO CANTO.

---

(Pag. 57. vers. 14.)

Sempre verdes,  
Oh Monceaux, teus Jardins são disto exemplo.

O Jardim de Inverno do Duque de Chartres, he com effeito, hum encantamento. A estufa especialmente he' huma das melhores que se conhecem.

(Pag. 65. vers. 16.)

Moço Potaveri, tu disto és prova, etc.



Este o nome de hum Habitante de O-taiti, conduzido a França por Bougainville, célebre pelo seu valor, e constancia em varias acções, e gloriosamente conhecido quer por Navegante, quer por Militar. O passo que se refere, do Mancebo Otaitiano, he mui notorio, e interessante. Só o que fez o Author foi alterar o lugar da Sena., que fingio no Jardim Real das Plantas. Quizera pôr em seus versos toda a sensibilidade que respira nas poucas palavras que o Moço proferio, abraçando a arvore que havia conhecido, e que lhe recordou a Patria. — He O-taiti — dizia elle —, e olhando para as outras arvores, — Não he O-rairi. — Assim estas arvores, e a sua patria se identificavão no seu espirito. Julgou o Author que este lance tão terno, e tão novo, poderia ministrar hum bello Episodio.

(Pag. 66. vers. 1.)

Onde he sem pejo Amor, Amor sem crime.

Observou-se em todos os Povos, onde a Sociedade tem feito certos progressos, huma certa innocencia nos costumes, muito diversa do resguardo, e do pejo que sempre acompanhão a virtude nas Mulheres das Nações polidas. Na Ilha de O-taiti, na maior parte das outras do Mar do Sul, em Madagacar, etc. as casadas julgão dever-se exclusivamente a seus maridos, e quebrão raras vezes a lealdade conjugal; mas as solteiras não escrupulizão em se entregar até à paixão momentanea que os homens lhes inspirão. Não se sujeitão nem nas palavras, nem nos modos, nem no vestido ao que olhamos como deveres do sexo feminino. Mas isto he nellas simplicidade, não he corrupção: não des-

prezão as normas da decencia; ellas as ignorão.  
Nestes Paizes a Natureza he grosseira, mas  
não depravada. Eis o que se intentou exprimir  
naquelle verso.

NOTAS  
D O  
TERCEIRO CANTO.

---

(Pag. 74. vers. II.)

Sei que em Harlem ha curiosos tristes,  
Que em seus Jardins co'as flores vão fechar-se.

Harlem he Cidade de Hollanda, onde se  
commencia muito em flores, e sabe-se a que  
extravagancia tem chegado os floristas no amor  
á raridade, e ás posses exclusivas.

(Pag. 77. vers. 9.)

Do cume dos Rochedos verdadeiros, etc.

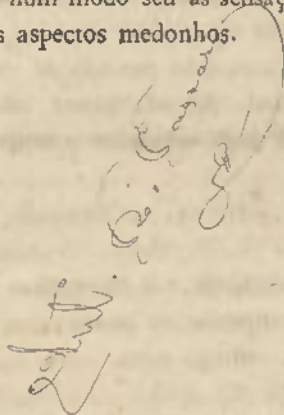
Em geral , não se podem imitar bem os rochedos , nem todos os grandes effeitos da Natureza. Ella não consente á Arte emprehen-der estes atrevimentos , salvo quando combate com todos os esforços , e cabedais do engenho , e da opulencia. Assim se formou , segundo os desenhos de Robert , o soberbo Rochedo de Versailles , cujo effeito só o pôde adivinhar a fannasia , que o vê d'ante-mão toucado de vistosas arvores , e ornando de toda quanta verossemelhança , e belleza pôde só dar-lhe o tempo.

(Ibid. vers. 13.)

Aos Campos de Midléton , ás Montanhas  
De Dovedle te acompanho os passos ,  
A ellas , Whateli , contigo subo.

São dois sitios de Inglaterra , famosos pe-

las fôrmas pictorescas da sua cadeia de rochedos, descriptos por Whateli, de que o Author, assim como Morel, no seu formoso tratado dos Jardins, colhêrão algumas passagens, tais como a cabana, e a ponte suspensas sobre despenhadeiros. Mas Delille cuidou em exprimir de hum modo seu as sensações que nascem destes aspectos medonhos.


 The page contains several handwritten marks. At the top, there is a large, circular scribble that appears to contain the word 'Cabana' written vertically. Below this, there are several other scribbles and a signature-like mark at the bottom left.

NOTAS  
D O  
QUARTO CANTO.

---

(Pag. 110. vers. 13.)

Eia, segue o Poussin , etc.

Este famoso quadro he certamente o melhor de todos os de Paizagens. Senão soubessemos quanto a imaginação do Poussin se alimentou com as producções dos grandes Poetas da Antiguidade , este painel bastaria para o provar. Quasi todas as obras voluptuosas de Horacio tem o mesmo caracter. Por toda a parte no seio dos prazeres , e das festas , aponta ao longe a morte. Dai-vos pressa , ( diz elle ) quem

sabe se á manhã viveremos ? Nesso fado he morrer ; será forçoso deixar esta bella casa , esta Mulher encantadora , e de todas as arvores que culriva , só o Cypreste , ai de mim ! seguirá seu Senhor , mui pouco duravel.

Esta mesma filosofia , colhida dos Antigos Poetas , he a que dictou a Chaulieu aquelles versos cheios de melancolia tão doce : —

Musas , que neste retiro  
 Começastes meu prazer ,  
 Plantas , que nascer me vistes ,  
 Cedo me vereis morrer.

Estes contrastes de sensações , compostas de alegria , e tristeza , agitando a alma em sentido contrario , fazem sempre huma impressão profunda ; e he o que obrigou o Author a collocar no meio das scenas risonhas dos Jardins



a vista melancolica dos sepulcros, e urnas consagradas á Amizade, ou á Virtude.

(*Pag. 112. vers. 16.*)

De envelhecidos Teixos lá debaixo  
Náo vês aquelles, etc.

Nestes versos, dedicados ás sepulturas humildes dos Camponezes, o Author imitou alguns versos do Cemiterio de Gray.

(*Pag. 130. vers. 1.*)

Mas longe os monumentos, cujo estrago, etc.

Chabanon, em huma linda Epistola, escrita a favor dos Jardins regulares, notou antes do Author dos Jardins, que os monumentos

velhos despertavão memorias , vantagem que não tem ruinas fingidas. Esta idéa se acha em outras obras , e particularmente na de Whateli : demais , ella he tão natural , que era facil achalla. Talvez o não fosse exprimilla bem , mórmente depois de Chabanon ; mas se o Author se encontrou com elle , o que todavia cuidou em evitar , confessa , e repete , que os seus versos são posteriores aos daquelle Poëea.

(Pag. 137 vers. 14.)

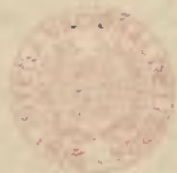
E tu , primeiramente , Heroe Britanno , etc.

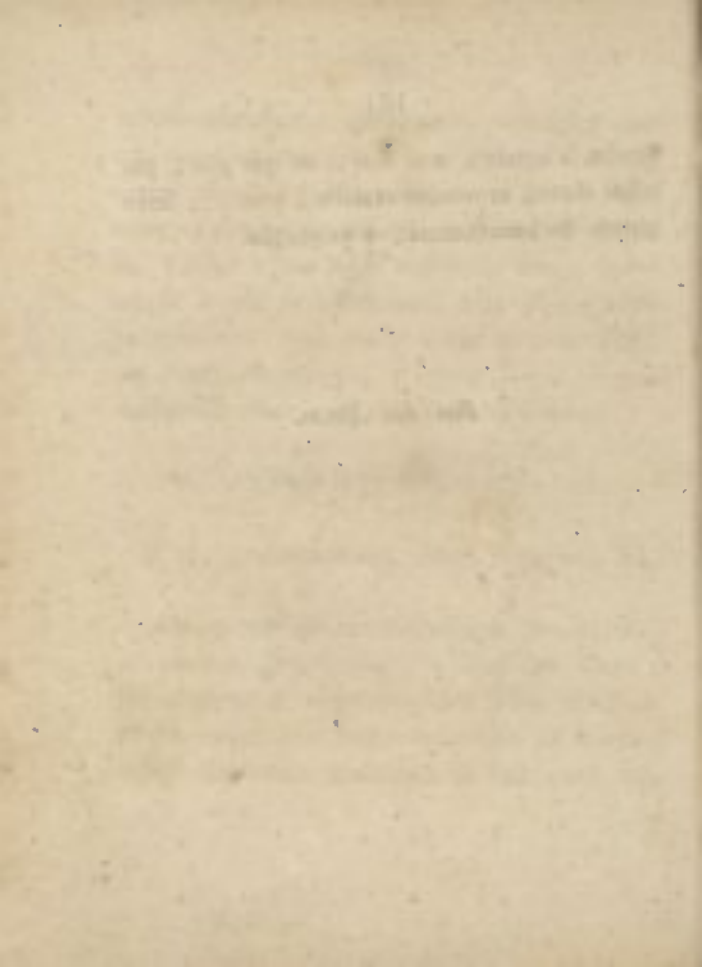
Todos tem noticia das viagens instructivas , e animosas do afamado , e desditoso Cook ; todos sabem a ordem que Luiz XVI. deo para se lhe respeitar o navio em todos os Mares , ordem que honra igualmente as Sciencias , este

illustre Viajante , e o Rei , de que elle , por  
assim dizer , se tornou vassallo , com este novo  
genero de beneficencia , e protecção.

*Fim das Notas.*

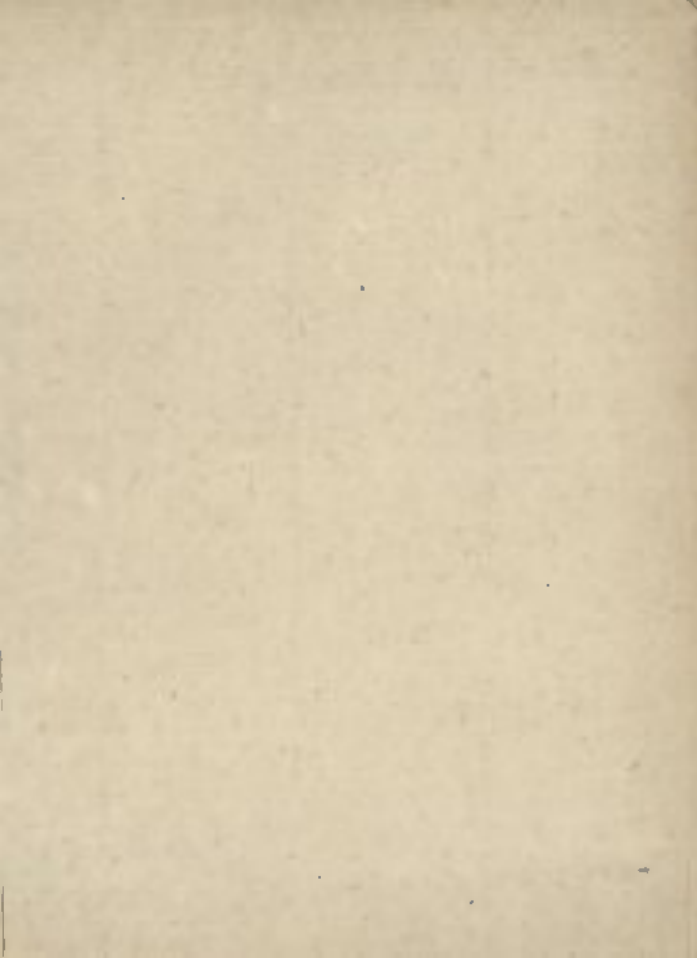
*J*  
*48318*





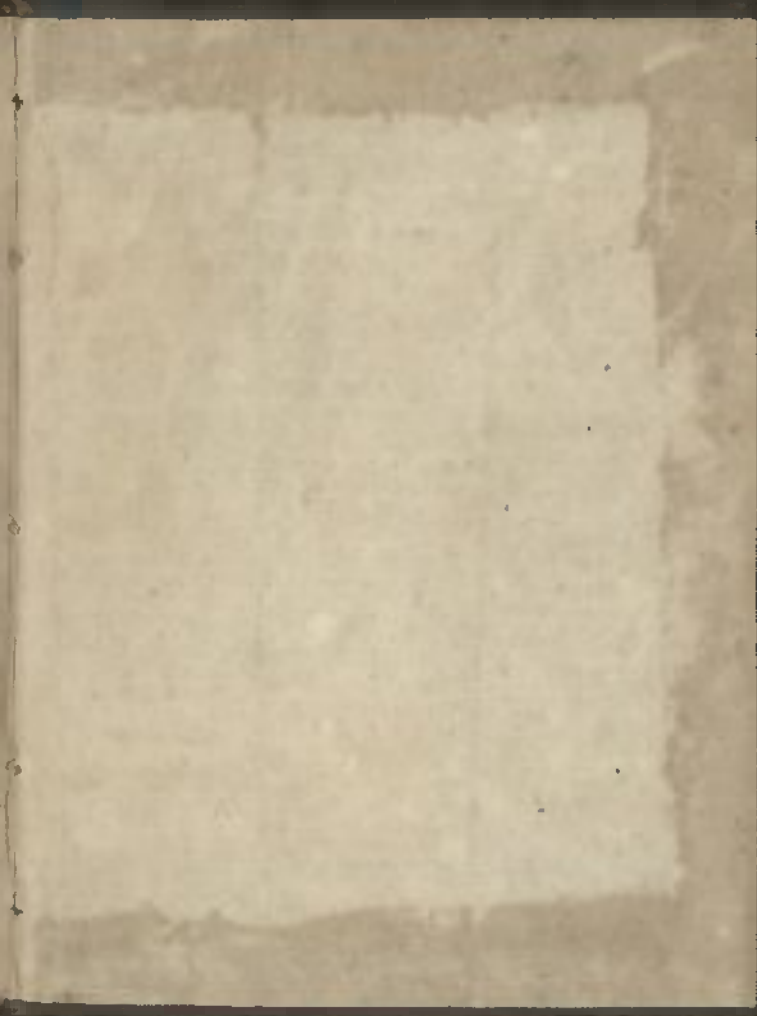












E  
A